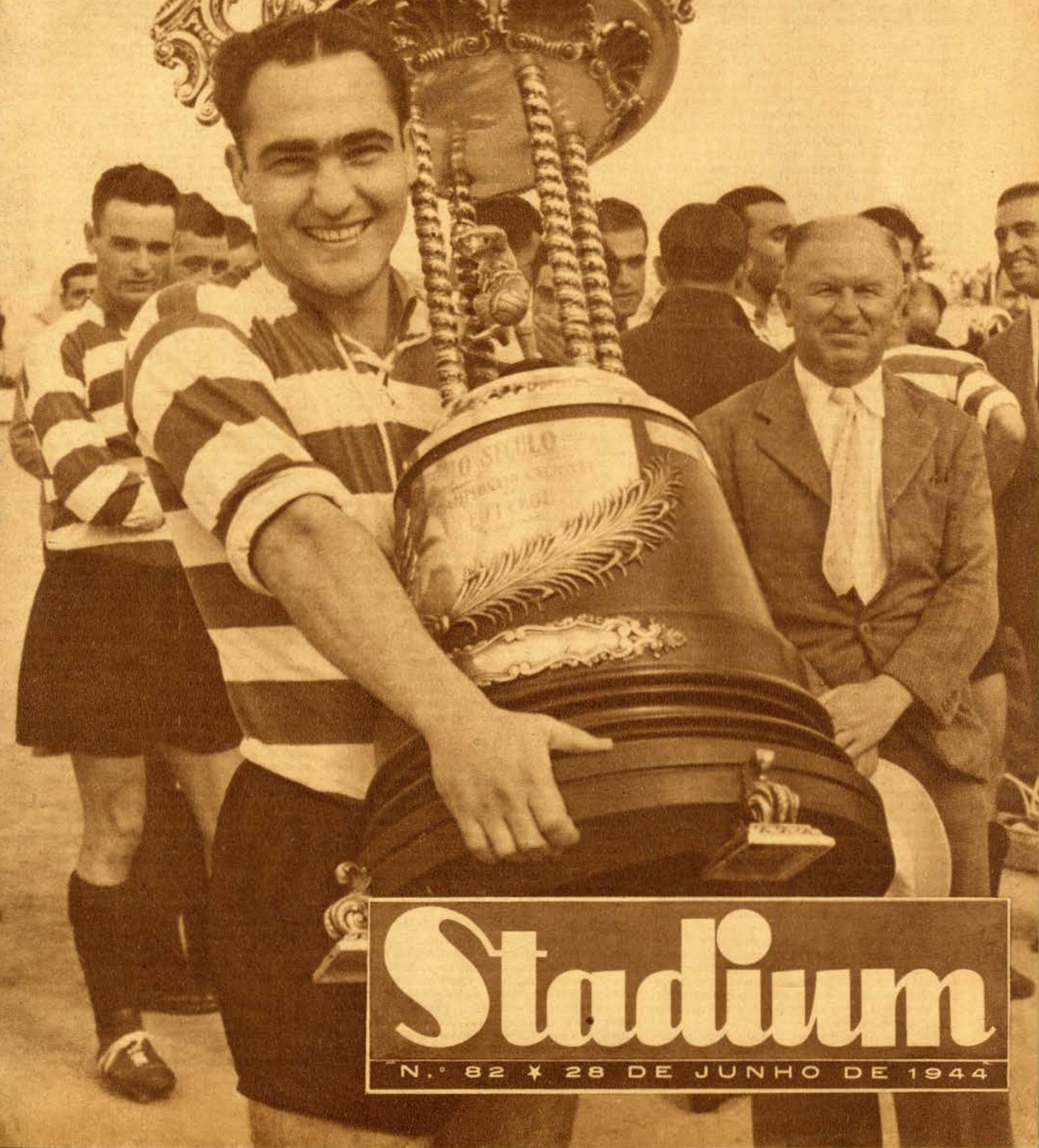


No 38.º aniversário

do **SPORTING**

Peyroteo não confia a outrem a missão do transporte da cobiçada taça «O Século»...

(Foto Nunes de Almeida)



Stadium

N.º 82 ✦ 28 DE JUNHO DE 1944

O SPORTING COMEMOROU OS SEUS 38 ANOS com um luzido festival no Estádio

Acontecimentos da Semana

ESTEVES engalanado, no domingo, o Estádio do Lumiar, onde o Sporting festejava os seus 38 anos de existência e de glórias. Rico historial possui o afamado clube dos «leões», que não haverá cantinho de terra portuguesa onde não seja conhecido e não refina adeptos; mas, para mais enriquecer o seu activo, o Sporting aproveitou esta oportunidade festiva para tomar publicamente posse dos mais representativos trofeus conquistados este ano pela sua equipa de futebol e patentear a sua expansão, distribuindo medalhas a todos os seus representantes que, no decurso da época passada, trouxeram para o clube títulos oficiais nas diversas modalidades a que concorrem.

Presidiu ao festival e às cerimónias d'ele constantes, o sr. Director Geral de Educação Física e Desportos, a quem a massa associativa dispensou as mais carinhosas manifestações de apreço, quando desceu ao campo para entregar as taças do Campeonato Nacional de Futebol e do jogo disputado no Estádio Nacional há quinze dias.

O programa compunha-se de duas partes distintas: uma propriamente desportiva, outra protocolar.

Esta, a mais significativa, começou pela alocação pronunciada ao microfone pelo nosso camarada de redacção, dr. Salazar Carreira, religiosamente escutado pelos milhares de assistentes que lhe tributaram, no fim, calorosa ovação; evocação da vida laboriosa do clube, «cuja história se lê nas próprias páginas da vida do desporto nacional», e registo exacto das responsabilidades que a tradição impõe ante o futuro, «na hora grave em que o desporto português adquiriu consciência da sua missão nacional e deixou de ser uma finalidade egoísta, para ser generoso manancial de virtudes ráticas e energias morais».

Outra afirmação: «Preparar, saudáveis e desembaraçadas, confiantes e audaciosas, as gerações de amanhã, forjando na escola rude e leal do desporto o carácter dos vindouros, dando-lhes, como disse Salazar, o segredo de fazer duradoura a sua mocidade em benefício de Portugal, — essa é a missão soberana dos organismos desportivos nacionais».

As últimas palavras dirigidas no sr. Director Geral foram uma promessa de trabalho disciplinado e entusiasmo para novas empresas.

A entrega das Taças Federação, «Século», Estádio Nacional e «Ridículos» pela primeira categoria de futebol à direcção do clube, foi o ponto culminante da animação, no mais alegre ambiente de confraternização desportiva, principalmente no momento em que Espírito Santo, envergando a garrida equipa do seu clube, veio fazer a transmissão do monumental troféu ao capitão sportinguista, Alvaro Cardoso.

A entrega das medalhas aos campeões foi pretexto para evidenciar o ecletismo e projecção da actividade «leonina», premiando campeões de atletismo, ciclismo, futebol, handball, natação e ténis.

A parte desportiva

O Sporting fez disputar duas estafetas entre equipas das suas diversas secções. A primeira, de 4 x 80 m., foi ganha pelo atletismo, apesar do avanço de 10 metros que dava aos restantes; Alvaro Dias, Mariano Soares, Núnico e Abrunhosa percorreram os 330 metros em 38 s., batendo o futebol (A. Marques, Albano, Eliseu e M. Soeiro), volley-ball, handball, ténis de mesa e basket, pela ordem que indicamos.

Na outra estafeta, o atletismo competia em 5 x 200 m., contra 10 x 100 m. das outras modalidades.

Manuel Campos e Núnico ganharam considerável avanço, que Mariano manteve a princípio, mas, uma confusão entre a colocação deste corredor e do imediato, aumentou o seu percurso para mais de 300 metros e fez perder a corrida à equipa, apesar dos esforços de Evaristo e Abrunhosa.

O futebol foi vencido, seguido pelo atletismo, volley-ball, basket e handball.

As provas ciclistas tiveram resultados inte-

ressantes, animando o público no ardor da sua competição.

Miguel Gaspar, do Combatentes, ganhou a prova de eliminação para iniciados; Dias Santos, foi o vencedor do critério dos amadores e Rosa Martins da corrida para veteranos. A americana de meia hora destinada aos amadores deu a vitória ao Sporting, por intermédio de Baptista Alves e Dias Santos, que bateram por 4 pontos os homens do luminante, Manuel Rocha e Amândio Monteiro.

A corrida principal, 1 hora à americana para independentes, foi a que mais agradou, pela constante combatividade dos concorrentes; os sportinguistas Lourenço-Aristides, escapando-se após o segundo «sprint» conseguiram no quarto de hora que mediou até ao «sprint» imediato ganhar uma volta a todas as equipas restantes, e como triunfaram em três, primeiro, segundo e quarto, dos quatro «sprints» disputados, a sua vitória não poderia ser mais convincente.

Em segundo lugar classificaram-se outros dois sportinguistas, Inácio e Mourão, que nos dez minutos finais sofreram rudes ataques das equipas de Sangalhos (Túlio-José Ferreira) e do luminante (Rebello-Jorge Ferreira) que procuraram a todo o transe distanciarlos e obter os pontos necessários para subirem ao ambicionado segundo lugar.

As provas à americana, com a sua hora semanalmente oferecida ao público, acabaram por cansá-lo; a pista do Lumiar é demasiado ampla para as corridas deste género, em que se procura ganhar uma volta de avanço, o que

BASKET-BALL—Principiou a disputar-se o campeonato corporativo (zona de Lisboa). Nas primeiras partidas cerca de 30 já efectuadas, somente se verificaram dois resultados desvelados: 78-14 da Fábrica de Sacavém à E. N. A. E. e 33-18 da «Cufa» à mesma E. N. A. E.

CICLO-TURISMO—Os seccionistas do Benfica visitaram Setúbal e Oeiras, e os do G. C. T. «Os 75» foram de longada até à Lagoa Azul.

FUTEBOL—O Valência, vencedor da «Taça de Espanha», ganhou também o campeonato nacional do país vizinho, em luta com o Athletic Aviacion.

HOCKEY EM PATINS—O Espaiol, de Barcelona, ganhou o primeiro título de campeão de Espanha derrotando, na final, o Sardañola, por 4-1.

TENIS—Para disputa da taça «Manuel Nunes dos Santos», organização do Sporting, começou autotem um torneio entre clubes, de que participaram Algés, Estoril Praia, Internacional e Sporting.

Carlos Costa e José Guedes conquistaram as taças «Rui Manuel», organização do C. L. T.

—A segunda «meia» do encontro Comércio e Indústria-Sporting foi ganha pela equipa de Lisboa.

TENIS DE MESA—Os campeonatos individuais de Lisboa, masculino e feminino, foram ganhos, respectivamente, por Oliveira Ramos e Albertina Figueiredo, ambos do Benfica.

—Entre as equipas do Belenenses, Benfica e Combatentes, começou a disputar-se um torneio promovido pelo Monte Pedral e de homenagem ao nosso camarada na imprensa, Carlos Rebelo da Silva, redactor desportivo do «Diário de Notícias» e director do bi-semanal humorístico «Os Ridículos». Nesse torneio disputa-se uma taça que tem o nome daquele nosso camarada.

—Gilda da Balaha venceu Tomar por 8-1, com os resultados parciais seguintes: dr. Calheiros Viegas (2-1), Arroja (3-0) e Abrantes (3-0), pelos caldenses; Soares (1-2), Henriques (0-3) e Graça (0-3), por Tomar.

TIRO AO ALVO—Começou o torneio promovido pelo Benfica, para a taça «Armando Murta», tendo Godofredo Bravo Dias, da equipa benfiquista, feito, logo na primeira sessão, 140 pontos.

nela só é possível à custa de demorados e porfiados esforços, impossíveis de repetir.

Os organizadores deviam procurar outras variedades para os seus programas, sem o que comprometem o auspicioso futuro do ciclismo em pista.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A homenagem do Benfica aos seus jogadores do passado, do presente e do futuro, desde os que se distinguiram em 1906-1907, até aos campeões de juniores, está marcada para a primeira semana de Julho e realiza-se num restaurante de Belém. O Benfica vai recordar o seu passado no bairro cidadão onde se fundou e onde começou a desenvolver-se. O local da homenagem tem realmente significado na história do clube.

OS campeonatos regionais de remo norte-nhos, em velocidade, forneceram algumas surpresas — o adiamento das provas no rio Douro, por mau estado do rio, e a supremacia dos remadores aveirenses. O Galitos de Aveiro, em quatro corridas, arrancou três vitórias, uma contra a Associação Naval 1.º de Maio e outra contra o Ginásio Club Figueirense. Na terceira prova não teve competidor.

Os campeonatos nacionais, marcados para a Figueira da Foz, a 16 de Julho, vão ter este ano atractivo especial: a luta entre as equipas de Aveiro e da Figueira, quando se encontram novamente.

UM exame ao trabalho da provincia dá por vezes a impressão agradável de progresso evidente. Uma das expressões deste progresso é dada pela construção de novos campos — e de estádios municipais. Guimarães e Famalicão trazem agora este problema em estudo. A Câmara Municipal de Guimarães tem auxiliado grandemente o desporto local. E o espirito de iniciativa de Famalicão é dos melhores, entre a gente do norte do país.

POR parte dos clubes da provincia nem sempre se encara bem o problema da inactividade desportiva durante o verão. Com o desfo, paralisa a movimentação do futebol. E tudo para, em redor... Seria recomendável entreter os jogadores, e manter o gosto do público, com provas noutros desportos, ainda que sob a forma de «ginquinas»... De brincadeira ou a sério, é necessário não parar na prática dos desportos e no entusiasmo provocado pelas suas provas.

CONFIRMA-SE o que dissimos há semanas a F. N. A. T. tomou conta da piscina fluvial de Coimbra e vai reconstruí-la, estando mesmo disposta a encarar o problema da construção definitiva se a iniciativa deste ano lograr êxito compensador. A delegação com-bricense da F. N. A. T. pensa cooperar com os clubes locais, na propagação da natação. É uma compensação. Não resolve o conflito — mas lima algumas arestas.

O Feminino Atlético Clube votou a sua dissolução. Acaba, pois, a colectividade que, com o Ginásio Feminino, de Lisboa, constituiu o limitado grupo de clubes femininos de desporto. Lamentamos duplamente o facto — pelo que havia de brilhante nas tradições do Feminino e pelo que representa de falta de interesse pelo desporto praticado por senhoras. O F. A. C. deu há pouco tempo um festival desportivo, no Coliseu do Porto. Foi o seu «canto do cisne»...

ESTA época, e apesar de nos encontrarmos quasi no fim do mês de Junho, é fraca a actividade da natação, em provas. Mas ainda se fez alguma coisa em Lisboa. Quanto à provincia, sabe-se, apenas que se mantém a preparação dos rapazes da «Mocidade Portuguesa», no Pórtio e em Coimbra.

Na capital do norte também já entrou em actividade o Grupo de Propaganda da Natação. As suas escalas estão em pleno funcionamento, desde a praia do Areinho até à Foz do Douro. Os clubes é que não fazem nada que se veja...

FAUSTO LOPO DE CARVALHO, aluno do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, pensa realizar um «raid» hípico de propaganda à volta de Portugal. É seu propósito visitar todas as filiais do Sport Lisboa e Benfica, aproveitando-as para «controlar» da prova.

A inauguração do Estádio Nacional, dando motivo a ampla amnistia, criou um período de apasignamento de paixões. Estádio novo — vida nova! É uma legenda oportuna — que convém não esquecer...

A faculdade de segurar e transportar a bola nas mãos é uma das características essenciais do «rugby»; compreende-se, pois, a importância que toma para o decurso das jogadas a forma como se executam as passagens de mão para mão, e a necessidade de cuidadosa aprendizagem, por parte de todos os jogadores, da maneira de transmitir e receber a bola.

O jogo de mãos é, de todos os recursos que se podem empregar, aquêlle mais eficaz para assegurar o êxito de uma ofensiva, bem como aquêlle que mais agrada aos espectadores. A deslocação da bola, voando de homem para homem sem tocar no solo, evitando o choque com os adversários a cuja perseguição escapa por antecipação, é o mais belo dos movimentos ofensivos, o mais rápido e o que melhor fornece a impressão de segurança e habilidade.

Uma passagem, para que resulte eficaz, deve ser precisa, feita e recebida correndo a toda a velocidade, executada no momento oportuno. Mais do que em qualquer outra manobra de jogo, a fantasia, o individualismo e a precipitação são aqui particularmente perigosas e podem anular uma longa série de esforços, fazendo perder ocasiões de marcar ensaios ou ganhar terreno.

A maneira mais correcta de passar a bola é atirando-a com as duas mãos, num gesto largo de braços estendidos, executando primeiro um movimento de rotação do tronco sobre as ancas, de forma a poder olhar normalmente para o ponto de destino da bola que, salvo circunstâncias excepcionais, deve ser projectada à altura das ancas do destinatário.

Os ingleses empregam outro sistema de passagem, que não pode admitir-se como regra, mas às vezes terá de ser utilizado como melhor recurso. É a passagem com uma só mão.

Sendo menos precisa, tem a vantagem de ser mais pronta nas ocasiões em que uma das mãos está ocupada, para afastar um adversário, por exemplo.

O bom resultado da passagem depende mais

RUGBY

Vamos aprender como se joga?

IV — O manejo da bola; passes e lançamentos

Notas técnicas pelo dr. Salazar Carreira

de quem a recebe do que propriamente de quem a executa. O portador da bola, chamando sobre si as atenções dos adversários, não está livre de movimentos e tem, por assim dizer, de se cingir às condições impostas pela forma de defesa que encontra diante. Compete pois aos seus parceiros segui-lo de tal forma que se encontrem sempre favoravelmente colocados para receberem a bola quando elle julgue oportuno desfazer-se dela.

Deve haver todo o cuidado para não correr a distancia exagerada do jogador de quem se espera o passe, mantendo posição atrazada para evitar a passagem adiantada e ainda para que seja possível aumentar a velocidade ao receber a bola com as duas mãos, para prosseguir no ataque; o transmissor da bola deve, por seu lado, enviá-la em direcção favorável para garantir esta manobra, ou seja um pouco mais à frente do que o corpo do destinatário. Resumindo, conclui-se que não é o portador da bola que deve guiar a sua conduta pela situação dos restantes, mas sim estes que procederão conforme os interesses do companheiro que naquelle momento assume na jogada o papel mais activo e importante.

Outra condição vantajosa para uma boa passagem é a velocidade da corrida no momento em que ela é feita, ponto que nos parece de grande necessidade focar aos jogadores portugueses: sendo o objectivo do ataque, por passagens à mão, pôr em cheque a defesa contrária, procurando que a bola chegue ao poder de um último jogador desmarcado, é evidente que a lentidão na seqüência das transmissões

da bola determinará a possibilidade, para qualquer adversário já ultrapassado, de refluir para um posto efectivo de defesa.

O treino dos passes à mão deve consequentemente ser feito correndo com grande velocidade, e nunca em passo gymnástico, como é frequente observar-se, pois nêsse andamento é nula a sua efficacia. O transmissor da bola deve largá-la em direcção um pouco adiantada em relação ao corpo do destinatário, para que este não seja forçado a abrandar a marcha para a «panhar», mas, se possível for, a apressá-la ainda.

Não se imagine que o ataque e por passagens é privilégio exclusivo dos componentes da linha de três-quartos; os avançados encontram, muitas vezes, magníficas ocasiões, propicias para o empregarem, e que devem estar aptos a aproveitar pelo adestramento em treino.

A oportunidade do despacho da bola, condição indispensável ao êxito da passagem, é função de prática e de sentido especial do jogador.

O momento óptimo para o portador da bola a entregar ao seu companheiro de ataque é aquêlle em que o adversário que o marca, nem o pode já agarrar sem prejuizo das regras de jogo, nem tão pouco pode opôr-se ao receptor do passe ou persegui-lo com probabilidades de o alcançar; isto é, em resumo: a bola deve ser despachada antes do jogador ser placado, mas precisamente antes.

Por esta definição se compreende a dificuldade de execução de uma boa passagem; um quinto de segundo de diferença em antecipação ou demora, no momento preciso de largar a bola, é sufficiente para lhe alterar os resultados.

O portador da bola procurará manter absoluto domínio de reflexos, serenidade que lhe permita avaliar a todo o momento a sua situação, relativamente aos adversários e parceiros que o cercam, por forma que, de sua iniciativa, dirija a continuação do ataque com as melhores probabilidades de êxito.

(Continua)

XADREZ

O que jogam os xadrezistas lisboetas

PUBLICAMOS hoje o prometido quadro geral das aberturas jogadas no último campeonato de Lisboa inter-clubes, em que tomaram parte quasi todos os xadrezistas da capital, entre os quais muitos dos mais fortes jogadores portugueses.

Lembramos aos nossos leitores a circunstancia obvia dos números dados estarem sujeitos ás contingências do jogo, influindo nêste problema factores de certo modo estranhos à técnica da abertura, designadamente o desnível de força dos jogadores participantes, o

que porventura falseou muitos dos resultados técnicos da matéria exposta.

Como se vê, a compilação apresenta-nos resultados muito interessantes. De salientar, o grande triunfo obtido pelas pretas nas partidas abertas — sistema que é ainda hoje o mais popular nos nossos torneios, a «regularidade» das brancas nas partidas do P. D., e, sob outro ponto de vista, a extraordinária diversidade de aberturas empregadas. De facto, verifica-se que os jogadores lisboetas não hesitam já em olhar para horizontes mais vastos, suspen-

dendo-se enfim a velha rotina do sistema Colle, defesa Orthodoxa e poucas outras mais, que não há muito tempo gozavam ainda de exclusiva e pouco brilhante predilecção nos nossos torneios. Apesar de grande parte das aberturas adoptadas agora não revelarem conhecimentos notáveis da Teoria, pois, na generalidade destas, apenas os primeiros lances correspondiam ao preciso, é sempre animador verificar a existência destas tentativas, que bem podem considerar-se, sem dúvida, bom pronúncio para o que é lícito esperar do vigoroso incremento que actualmente impulsiona o Xadrez no nosso País.

Dando seguimento aos nossos comentários sobre os resultados desta compilação, salientamos em primeiro lugar a manifesta predilecção dos jogadores lisboetas pelas variantes simétricas do P. D., embora n-da possa justificar essa preferência, pois, mais uma vez, ficaram patentes as dificuldades que o «segundo jogador experimenta para chamar a si um resultado favorável. A defesa Orthodoxa e a Cambridge Springs, tidas ambas, para as pretas, como os mais sólidos sistemas de abrir o jogo, sofreram verdadeiro desastre, ao passo que nas defesas assimétricas as brancas não conseguiram levar a melhor. Digna de realce é, também, a «performance» um tanto inesperada das pretas nas defesas Caro-Kann e Siciliana (que se revelaram como as mais populares da actualidade) e, mais surpreendente ainda, na Partida Espanhola, que é considerada hoje a mais forte abertura para as brancas no P. R. Nas outras aberturas, deparamos, de modo geral, com resultados normais.

O apuramento final dá-nos também números que não constituem surpresas: as brancas ganharam 82 partidas e as pretas 66; empataram-se 22 partidas.

VASCO SANTOS

Denominações das aberturas	Número de partidas	Vitórias		Emp.
		Branco	Pretas	
Partidas Abertas (l. e2—e4)	88	35	49	11
Sistemas simétricos	41	16	10	6
Sistemas assimétricos	47	19	23	5
Partidas Fechadas (l. d2—d4)	69	39	21	9
Sistemas simétricos	52	33	15	4
Sistemas assimétricos	17	6	6	5
Partidas restantes (l. Cf3, l. e4, l. f4, l. b4)	13	8	3	2
P. R.—Def. Caro-Kann	19	7	9	3
P. R.—> Siciliana	17	7	9	1
G. D.—> Orthodoxa	12	10	1	1
G. D.—> Esclava	11	6	5	0
P. R.—Partida Espanhola	11	4	5	2
P. R.—Def. Petroff	10	6	4	0
P. D.—> Holandesa	9	2	4	3
G. D.—recusado (1)	8	3	3	2
P. R.—Sistema Colle	7	4	2	1
C. R.—Part. Zukertort-Reli	4	2	2	0
G. D.—Def. Meran	6	5	1	0
P. R.—> Francesa	6	3	2	1
P. R.—Part. Italiana	6	5	1	0
P. R.—> Prussiana	5	0	2	3
Partida Inglesa	4	3	1	0
P. R.—Gambito do Rei	4	2	2	0
P. D.—Def. Nimzowitch	4	2	2	0
G. D.—> Cambridge Springs	3	3	0	0
P. R.—Gambito Vienense	2	1	1	0
P. R.—Def. Alekine	2	1	1	0
P. D.—> Indiana do Rei	2	1	0	1
G. D.—> Terrosch	2	0	2	0
P. R.—Dezesa cerrada (2)	2	1	1	0
P. D.—Gambito Benoni, P. R.—Part. Escocesa, G. D.—Contra-gambito Albin, P. R.—def. Húngara, Gamb. de Dama Aceite e Abertura Bird	1	1	0	0
G. D.—Variante de Viena, P. R.—Def. Nimzowitch, P. D.—def. Oeste Indiana e Abertura Hunter-Englich	1	0	1	0
P. R.—Gambito do Centro	1	0	0	1

(1) Sistemas irregulares, (2) Defesa irregular.

A taça "JORGE DE PAIVA"

de homenagem à memória do saudoso esgrimista olímpico foi ganha por D. António de Almeida, da S. A. C. G.

HÁ dois anos, o Comité Olímpico, querendo prestar merecida homenagem à memória de Jorge de Paiva, ofereceu à Federação Portuguesa de Esgrima uma taça com o nome do saudoso atirador olímpico, para ser jogada perpetuamente. O calendário de provas da F. P. E., muito sobrecarregado em 1943, levou aquela entidade a guardar para esta época a disputa do troféu, de forma a dar ao torneio o justo lugar entre as competições nacionais, em face do seu significado especial.

O nome de Jorge de Paiva, figura inesquecível dos tempos áureos da esgrima nacional, bem justificava esta evocação. Valoroso componente da brilhante equipa que tantas vezes distinguiu o nome de Portugal nas mais célebres competições internacionais, nomeadamente nas Olimpíadas de Antuérpia, Paris e Amesterdão, tivera já nos Jogos Pershing o primeiro grande êxito da sua notável carreira: o 2.º lugar do torneio individual de espada — que não fôra primeiro por flagrante injustiça — entre 249 concorrentes.

Discipulo de Mestre Carlos Gonçalves, era na realidade um génio predestinado para a esgrima, possuidor de intuição notável. Pode dizer-se que jogava com os nervos, pois não era muito dotado fisicamente — e desse temperamento nasceram as célebres «flechas», que executava com raro sentido de oportunidade. A sua última grande exibição, já cerca do fim de tão gloriosa carreira, fê-la entre nós, no Estoril, durante o «match» Portugal-Inglaterra. Estamos a vê-lo, em tarde de forte inspiração, vibrando entusiasmado na sucessão dos combates, cheio de vontade e dinamismo, a acumular sucessivas e fulgurantes vitórias para a equipa nacional!

Dedicadíssimo por tudo quanto se relacionava com o seu desporto, Jorge de Paiva trabalhou ainda denodadamente como membro da Federação de Esgrima, em particular na fase de renovação imposta a partir de 1930, sempre pronto a prestar-lhe o melhor concurso. Foi também activo director do S. L. Benfica.

Faleceu, com 50 anos, em Maio de 1937.

A disputa da taça «Jorge de Paiva» concluiu no último sábado, com a presença do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, ilustre Director Geral dos Desportos, que presidiu ao júri de honra, do qual faziam parte os srs. prof. dr. Rui Ferro Mayer, representando os atiradores olímpicos companheiros de Jorge de Paiva; Mestre Carlos Gonçalves; e Mário de Noronha, presidente da F. P. E., que representava também o sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal, e a entidade que ofereceu o troféu. Presentes também os srs. Manuel e João de Paiva, irmãos do homenageado, que entregaram à F. P. E. uma valiosa salva de prata, para ser concedida, em posse definitiva, ao atirador que obtiver as três primeiras vitórias no torneio.



O sr. Director dos Desportos entrega ao vencedor o prémio conquistado



Jorge de Paiva

A «poule» final forneceu o seguinte resultado: 1.º, D. António de Almeida (Lavrado), 6 vitórias e 1 derrota (com mais 1 vitória na «barrage»); 2.º, Pinheiro Chagas, 6-1 (1 derrota na mesma «barrage»); 3.º, Herbert Santos, 4-3 — todos da Sala Carlos Gonçalves; 4.º, João da Cruz, do Hockey Clube, 3-4, 15 toques recebidos; 5.º, Jorge Oom, do Gimnásio Clube, 3-4, 16 t. r.; 6.º, Vitor Tavares, do Centro de Esgrima, 3-4, 18 t. r.; 7.º, Emílio Lino, da S. A. C. G., 2-5; 8.º, Luis Oliveira Jr., do G. C. P., 1-6.

A Sala Carlos Gonçalves está de parabéns: os seus atiradores conseguiram classificar-se nos lugares de honra — precisamente no torneio que homenageava a memória de alguém que fez parte do escalão dos mais relevantes nomes que a representaram.

Justíssima a vitória de D. António de Almeida, que foi na realidade o atirador mais regular da final, com idêntico comportamento nos precedentes graus do torneio. Mantendo as características do seu ídolo, melhorou francamente no pormenor do ataque sobre as retiradas do adversário — o qual lhe forneceu boa quota parte para o triunfo.

Pinheiro Chagas, espadista de esgrima muito especial, conquistou posição deveras honrosa, chegando ao desempate para o 1.º lugar e ultrapassando atiradores de superiores conhecimentos e maior experiência — que não souberam ou puderam impôr-se-lhe. Herbert Santos, hábil e muito regular nas «poules» eliminatórias, esteve menos eficiente na final. A sua exibição neste torneio foi, todavia, das melhores que lhe temos visto.

Também João da Cruz esteve nitidamente melhor que semanas antes, na taça «António Bayard». Executou «flechas» plenas de oportunidade e de indiscutível mérito, Jorge Oom, em más condições físicas, devido a indisposição latente, esteve longe do perigoso e seguro atirador que nos habituámos a vêr. Vitor Tavares mostrou haver progredido. Oferece maior dificuldade, por mais eficiente e perigoso. Também podia ter obtido melhor posição.

Emílio Lino, que fez bons assaltos nas eliminatórias, não esteve feliz no mais importante grau do torneio.

Oliveira Júnior, há anos ausente das nossas provas, mantém a sua difícil esgrima. Foi francamente afortunado na sua posição de finalista.

O torneio reuniu vinte atiradores. Entre os eliminados nas meias-finais, merecem referência especial: João Sassetti, belo espírito de verdadeiro desportista e o único olímpico presente, mostrou ser ainda

o notável esgrimista de sempre — agora prejudicado pelo período durante o qual não tomou parte em competições; Fernando Pereira, que esteve muito bem na eliminatória, mas infeliz na meia-final; e Melo e Castro, sobre o qual mantemos a impressão de estar menos seguro.

Entre os restantes, R. Worm, D. Salvador Almeida e J. Nogueira exibiram-se de forma agradável, ficando à quem do que podem. Bustorff Silva mostrou de novo a sua intuição, Najera Rei afirma-se mais expedito e J. Pascoal e Amaral Neto dentro do seu normal.

Após ser proclamado o vencedor, o sr. Director Geral dos Desportos entregou a D. António de Almeida, por entre vibrantes aplausos da numerosa assistência, a salva oferecida pelos irmãos de Jorge de Paiva.

Avalar Machado



Os finalistas

As comemorações do 29.º aniversário do SPORT ALGÉS E DAFUNDO

O programa das festas comemorativas do 29.º aniversário do Sport Algés e Dafundo cumpriu-se na íntegra e correspondeu em absoluto ao esforço desenvolvido pelos seus dirigentes, para que a passagem de mais um ano de trabalho fosse assinalada como merecia. Durante uma semana, o grande baluarte da natação portuguesa esteve em festa, comemorando-se o aniversário do clube sem nenhum número sensacional, é certo, porque a força das circunstâncias assim o determina, mas, dentro do programa elaborado, com indiscutível brilhantismo.

Três conferências notáveis

Foram os dirigentes do Algés extremamente felizes na es-olha dos conferencistas que ilustraram as festas do seu 29.º aniversário. Três autoridades de indiscutível mérito, três mestres, podemos afirmá-lo, fizeram, a dentro das instalações do Sport Algés e Dafundo, a apologia das práticas desportivas, designadamente daquelas que, a cada um deles, maior carinho merecem.

O dr. António de Menezes prendeu o auditório, dissertando, como não podia deixar de ser, sobre vela. «Regatas» Oceánicas» foi o tema de uma palestra brilhante, que ele amenizou com muito espírito.

(Continua na pág. 15)



1 — O capitão Marques Pereira lê a sua palestra; 2 — O nosso colega de jornalismo Ribeiro dos Reis durante outra das palestras desportivas; 3 — As classes do Lisboa Gimnásio Clube em saudação; 4 — A equipa de "water-polo", do S. A. D. que jogou em Barcelona em 1932 e tomou parte no festival de domingo; 5 — Os nadadores que se exibiram no mesmo festival



O Grupo Desportivo da Fábrica Progresso Mecânico procedeu à inauguração da nova bandeira. A fotografia mostra um grupo de operários que tomou parte nas solenidades efectuadas

O CAMINHO DO PROGRESSO PUGILÍSTICO

Considerações de R. Barradas

O pugilismo tem tido, desde remotas eras, muitos detractores, movidos, uns, por humanitarismo excessivo, outros, agindo sob o império de feroz antipatia.

O argumento mais insidioso e antagonista que os seus adversários lhe têm levantado talvez seja o de constituir desporto perigoso e propício ao desenvolvimento de baixos instintos, tanto no público como nos jogadores.

Não se podem refutar por completo e em boa verdade semelhantes objecções são, pelo menos, sob o ponto de vista da saúde física e mental dos praticantes, outros tantos motivos de censura. Todavia, devemos esclarecer bem, ao toparmos em tais argumentos, que é possível não só reduzir a um número aceitável a quantidade dos accidentes, como, até, que essa tendência se effectua gradualmente e de modo constante.

As injúrias provenientes da prática ininterrupta do pugilismo podem atribuir-se em larga escala a deficiente super-visão, compreendendo: más arbitragens; preparação heterodoxa dos jogadores; equipamento impróprio e obsoleto; condução do pugilista, durante o combate, sem experiência nem técnica; falta de vigilância médica e de socorros de urgência, etc.

Quanto às arbitragens, devemos exigir dos arbitros e directores de combate profundo conhecimento teórico dos regulamentos do jôgo de «boxe», dos seus possíveis accidentes, visão clara e imediata dos acontecimentos, desembaraço físico, calma, coragem das suas opiniões e raciocínio rápido, para escolher de modo certo o resultado e a resolução que se imponham.

Todo o árbitro que não reúna estas qualidades ou que, possuindo-as, foi venal, deve ser prontamente rejeitado.

A preparação dos jogadores para o combate, é, quasi sempre, produto da fantasia do pugilista ou do seu administrador. E não deve ser.

Como muito bem assinala Coleman Griffith (*The Psychology of Coaching*) é uma verdadeira arte, cheia de paciência e de profundos conhecimentos, capaz de construir um perfeito atleta sobre um individuo mesquinho, como de arrazar as mais fulgurantes qualidades de um ser humano, se for conduzida incompetentemente.

Todo o curador de interesses parcos em ciência profissional deve ser pôsto de lado; o dinheiro que o pugilista lhe paga é imerecido.

O equipamento de combate actual, quanto capaz de melhoria, é ainda deficiente. Por exemplo, o pêso das luvas deve ser aumentado, consoante as categorias, para 6, 8 e 10 onças. As dimensões do «ring», o feltro do soaílo, o protector do baixo ventre, etc., tudo isto são elementos capazes de se aperfeiçoarem, garantindo maior segurança física aos jogadores.

A condução do pugilista no combate compete aos auxiliares, que o uso denominou «segundos». Estes homens são, em geral, pouco sabedores do seu officio.

No intervalo dos assaltos, cabe-lhes cuidar do seu pupilo, devendo proceder do seguinte modo: a) — ajudar o «boxer» a sentar-se, amparando-o e procurando-lhe uma cômoda posição; b) — limpar-lhe o suor com uma toalha secca, empregando água, apenas, se fôr necessário; c) — não lhe dar bebida, a não ser que o pugilista a peça; d) — ajudá-lo a respirar fundo; e) — cicatrizar-lhe as feridas, maçaá-lo, etc. f) — conservarem-se em silêncio durante o intervalo; só o auxiliar principal deve dar conselhos e a cerca de vinte segundos do timbre; g) — os conselhos serão pronuciados em voz baixa, lacónicos, e repetidos

até que o jogador se levante para recommear o jôgo; h) — ajudar o pugilista a levantar-se; i) — no último assalto, limpar-lhe o suor, vestir-lhe o roupão e ampará-lo cuidadosamente até ao vestiário.

Para todas estas operações, excepto a última, dispõem somente de 40 a 45 segundos, pois que o restante para o minuto se gasta em trânsito.

Os auxiliares devem estar munidos do seguinte material: a) — um balde com água, perfeitamente limpa; b) — uma esponja em estado de perfeito asseio, c) — um saco-terms com gelo em pequenas porções; d) — uma garrafa de água potável; e) — várias toalhas limpas; f) — um frasco com sais de amoníaco; g) — outro, com amonia extra-forte; h) — um calmante para vomitos (espírito aromático de amónio); i) — um frasco com colóide para as feridas; j) — outro com solução a 1/1000 de cloridrato de adrenalina para estancar feridas; k) — um pacote de algodão; l) — caixa com gaze esterilizada; m) — um saco para gelo; n) — um jôgo de tesouras e pinças; o) — um relógio de segundos e fracções; p) — um frasco com tintura de iodo fresca.

Todo o auxiliar competente deverá saber aplicar umas gôtas de cloridrato de adrenalina,

numa ferida ocular, com um conta-gôtas; ou num lábio; ou uma torcida de algodão embebida no mesmo líquido, na fossa nasal que sangra, etc., etc.

Todo o recinto de espectáculos deveria possuir uma enfermaria para tratamentos de urgência, onde não faltassem o algodão, a gaze, as ligaduras, as talas de fracturas, o adesivo, o alcool puro, a água oxigenada, o éter sulfúrico, a tintura de iodo, as tesouras cirúrgicas, os agrades, as seringas hipodermicas, as ampolas de cafeína, óleo canforado, estriquinina, coramina, morfina, cardiazol, etc., etc. A par disto tudo, a água destilada e o gelo.

A vigilância médica antes dos combates effectua-se já, em Portugal, com particular cuidado, no Centro de Medicina Desportiva da F. P. F. e, graças aos médicos da Federação do Boxe, vinte e quatro horas antes do espectáculo, durante ele e depois do mesmo.

Com o cuidado e a disciplina a que aludimos, já não se pode, de futuro, dizer que o pugilismo continue sendo um perigo iminente para a integridade física dos seus praticantes. Quanto ao aspecto moral do problema, isso sim, ainda se vive em grande atrazo e impõe-se a educação do espectador.

A maioria dos assistentes e apaixonados do «boxe» tem a mentalidade a que se refere Blanco Ibañez, no final da sua bela novela taurina *Sangre y Arena*: a fera que ruga, a verdadeira e única.

Precisamos de caçá-la e amestrá-la, prezado leitor, transformando-a naquilo que deve ser.

VISÃO DE ESTÁDIOS

Recordam-se os projectos dos Estádios do Benfica, Sporting e Ateneu e de uma «cidade olímpica»

ESTÁ Inaugurado o Estádio Nacional.

Num ambiente de apoteose, que o mundo desportivo há-de reconhecer e apreciar, a multidão, entusiasmada ante o esplendor da cerimónia inaugural, sentiu toda a imponência que nos apresenta esta obra magnífica.

A grandiosa visão do Estádio, que anos e anos bailou inquietante no espirito de todos os amigos do desporto, foi pouco a pouco tomando forma real, até que o sonho se desfez por completo para nos pôr em contacto com a verdade.

O Estádio Nacional existe! No vale do Jamor, a grandiosa obra rodeia-se de um valor paisagístico que circunda, maravilhosamente, a imponência do monumento idealizado e construído para o desporto português.

Todos os olhos se impressionaram ao fixarem a grandiosidade do Estádio. E a multidão do desporto, aquela mesma que tem vibrado nas Salésias ou na Tapadinha, que encheu de colorido aspecto o antigo campo das Amoreiras, que leva o seu entusiasmo ao campo «leonino» do Lumiar ou ao benfiquista do Campo Grande, viu-se presa da emoção que lhe offerecia o conjunto soberbo do Estádio Nacional e da sua festa desportiva.

Já outras visões de Estádios — concebidos pelos nossos mais importantes clubes de desporto — haviam sido offerecidas ao público desportivo da capital. E, se todos tivessem saído da frieza das linhas das pequenas «maquettes», Lisboa teria hoje formidável conjunto de Estádios, para prazer e fomento da sua vida desportiva. O desejo dos homens tem sido, porém, muito mais fraco do que as realidades a ter em conta, ao pensar-se em obras de tamanho vultoso.

Dos mais recentes projectos, recorda-nos o do Benfica, obra de valor, a condizer com a importância do grande clube. De todos os projectos é ainda o que poderá subir a íngreme rampa das realidades — embora venha a ser mais modesto que o então apresentado, mas satisfazendo em absoluto as necessidades do clube. Pensado quando o Benfica teve de abandonar o campo das Amoreiras, foi traçado na ideia do aglomerado de instalações desportivas em Monsanto — um pensamento concebido pelo dinamismo e extraordinária visão do malogrado ministro, engenheiro Duarte Pacheco,

Também o Sporting chegou à conclusão de que necessitava de construir um campo de jogos. O seu desenvolvimento desportivo e associativo impunha tal medida. O projecto — obra grandiosa do architecto Raúl Tojal — foi prejudicado pelo traçado de urbanização previsto para aquela área da cidade — o Campo Grande.

O Estádio «leonino» surgiu-nos numa «maquette» na escala 1.100 Boa linha de conjunto, com a nota agradável da simplicidade e uma lotação para 30.000 pessoas. O sonho dos sportingistas continua por certo latente, até porque o Estádio Nacional não resolve, por si, o problema dos nossos campos de futebol.

Um outro projecto — outra grandiosa iniciativa — foi divulgada ao público desportivo de Lisboa: o do Ateneu Olímpico. Formosíssima ideia que transformaria por completo a sede e anexos do Ateneu Commercial de Lisboa, foi outra obra prejudicada pela sua grandiosidade, apesar de nada ter de impossível tão imponente realização, orçada em dois mil contos — um conjunto maravilhoso, que formaria o belo Ateneu Olímpico, segundo planos do engenheiro João Jesus Pires.

Mas a iniciativa — hoje prejudicada em parte na sua imponência — espera-se que seja ainda posta de pé, para tornar mais bela a obra do Ateneu.

Recordemos, ainda, o projecto de uma «cidade olímpica», delineado pelos architectos Segurado e Varela e concebido em face de três unidades já existentes e preparadas: o Estádio do Lumiar; o campo do Benfica; e o campo do Jockey Clube.

Em face destes três focos principais estender-se-iam os gymnásios, piscinas, «courts», «crinks», etc., numa área total de conjunto calculada em 531.699 metros quadrados.

Mas, tudo isto não passou do campo vago dos projectos. Se se tivessem conseguido, que vastíssima obra apresentaria Portugal no momento culminante da inauguração do Estádio Nacional!

Regosijemo-nos e esperemos agora, com confiança no futuro, que Portugal se transforme sempre mais num país desportivo, para que as gerações se apresentem fortes e másculas, conscientes do seu valor.

FERNANDO SÁ

ROQUE PINTO, L.^{DA}
IMPORTADORES DE TABACOS
E PAPÉIS DE FUMAR
R. do Amparo, 94, 1.^o Telef. 2 8561
LISBOA

O êxito do número especial da nossa revista

ENTRE as referências feitas ao número especial que publicamos por ocasião da festa inaugural do Estádio, salientamos ao do nosso estimado colega «Voz Desportiva», de Coimbra, que teve para com «Stadium» as seguintes amáveis palavras:

A consagrada revista desportiva Stadium, única no género no País, editou, na última semana, um número especial comemorativo da inauguração do Estádio Nacional, que constitui, sem dúvida alguma nem exagero, um verdadeiro êxito no jornalismo desportivo. Fotografias excelentes e dos mais curiosos aspectos do maior acontecimento desportivo de todos os tempos, formando um todo que nos dá claramente a ideia de quanto vale aquele magnífico laboratório do desporto, e quanto sumptuosa foi a festa inaugural, o maior triunfo do desporto português.

Cumprimentando Stadium, felicitamos vivamente o seu Corpo Redactorial por mais este serviço prestado aos desportos do País.

Ao nosso prezado camarada e distinto desportista dr. Amadeu Rodrigues, director da «Voz Desportiva», os nossos sinceros agradecimentos por tão amigáveis palavras.

TRIUNFE NA VIDA

ESTUDANDO EM CASA

RECORDE O CUPÃO

INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO
LISBOA

ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL

PEDINDO LIVRO GRATIS

Nome _____

Morada _____

GUARDA-LIVROS

Envie 2000 em selos para Pórtel e Caspilas

UMA ÉPOCA DE FRANCO PROGRESSO

OS progressos da prática do volley-ball em Lisboa excedem, êste ano, as mais optimistas previsões daquêles, como nós, que sempre apregoaram o valor da modalidade e garantiram a sua futura expansão.

Começou, primeiro, a actividade em três categorias, dos oito clubes componentes da divisão de Honra; seguiu-se, há três semanas já, o torneio, com outros oito clubes e no mesmo número de categorias para apuramento do vencedor na primeira divisão; podem dêde já considerar-se asseguradas, porque para ambas existe a garantia de inscrições necessárias, as organizações dos campeonatos populares e de juniores.

Assim, rapidamente, conseguiu a Associação dirigente reunir grande quantidade de adeptos, guiando-se à altura das mais activas entre as que regem, na cidade, os jogos desportivos; só deve vêr à sua frente, neste momento, as associações de futebol e basket.

A fase preparatória do campeonato principal concluiu no domingo e decorreu com a maior regularidade; o único incidente — se incidente se lhe pode chamar — verificado durante a prova, foi o duplo castigo de falta de comparecimento aplicado em tôdas as categorias ao Benfica e ao Nacional de Natação, por não haverem disputado os jogos que lhes competiam, alegando a falta do árbitro oficialmente designado.

O Técnico e o Internacional, realmente os grupos mais fortes que apareceram no torneio, classificaram-se finalistas em 1.^{as} e 2.^{as} categorias, mas não se conhecem ainda os adversários da final em 3.^a categoria, cujo apuramento depende de desempates.

Numa das séries, o Internacional e o Parede igualaram-se, na outra, o Técnico e o Belenenses, mas, nesta segunda série aventa-se ainda a hipótese de serem três os empatados, porque a eliminação da 3.^a categoria do Nacional de Natação deve, segundo as normas adoptadas pelo regulamento em anos anteriores, abolir todos os resultados obtidos precedentemente nos jogos em que ainda participou e, a ser assim, o Benfica recuperaria os dois pontos da sua falta de comparecimento e somaria o mesmo número de pontos dos rivais.

O perigoso último lugar, que obriga ao jogo de passagem com o vencedor da 1.^a Divisão, vai ser decidido entre a Promotora e o Nacional de Natação, que parece ser o mais fraco e menos seguro de si.

A fórmula de recurso escolhida para o campeonato, que nunca mereceu a nossa simpatia, tirou-lhe uma grande parte do interesse e não permite estabelecer posições para os lugares intermediários da tabela; depois dos dois finalistas, pode, talvez, constituir-se um pelotão com o Parede, o Benfica e o Sporting, deixando para último plano a Promotora, o Belenenses e o Nacional.

O campeonato da primeira divisão prossegue bastante confuso porque, à parte o Futebol Benfica sempre vencedor, todos os participantes ganharam e perderam. O Ateneu, o Monte Pedral e o Fósforos parece serem os que possuem maiores probabilidades de lutar contra o favorito, para o ambicionado título.

Sucedeu neste campeonato um incidente raro e pitoresco: dois clubes foram obrigados a interromper os seus jogos porque tôdas as bolas em serviço foram parar a um recinto vizinho, onde era proibida a entrada e não havia ninguém, por ser domingo.

As duas provas que se anunciam para breve são muito importantes para a propaganda do volley; o campeonato popular, tendo como prémios a filiação e inscrição gratuitas na A. H. L., representa poderoso incentivo, de efeitos seguros; o campeonato de juniores, facultado a todos os clubes sem distinção de divisões, pode ser interessantíssimo e concorrido, se todos os clubes compreenderem quais são as suas conveniências. — ESSECE

DESPORTO CORPORATIVO

O Grupo Desportivo da Fábrica Progresso Mecânico inaugurou a sua bandeira

UMA festa simpática, a efectuada pelo Grupo Desportivo da Fábrica Progresso Mecânico, para inauguração da sua bandeira, salientando-se, como em tôdas as festas do desporto corporativo, o ambiente de amizade entre patrões e empregados.

Todos os atletas do clube, devidamente equipados e acompanhados pelas operárias da fábrica, constituindo a classe feminina de ginástica inscrita na F. N. A. T., formaram em frente do edifício daquele estabelecimento fabril, saudando a nova bandeira, que foi hasteada pelo chefe do Batalhão dos Sapadores Bombeiros, sr. Joaquim Pais.

Assistiram ao acto os srs. Manuel Pereira Simões, Carlos Brandão e Fernando Simões, respectivamente director, gerente e membro da direcção da fábrica.

Num desafio de «basketball», em que depois se disputou o troféu «Joaquim Pais», a «equipa» do B. S. B. venceu a da fábrica, por 24-19.

ANO XII — Lisboa, 28 de Junho de 1944 — II SÉRIE-N.º 82

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GRANDES REPORTAGENS GRÁFICAS

A 1.ª ESTAMPA DA SÉRIE SAI NO PRÓXIMO DIA 5 DE JULHO

Durante o período do defeso do futebol, «STADIUM» vai publicar, SEM AUMENTO DE PREÇO, em números sucessivos, uma série de ARTIGOS DE HOMENAGEM AOS CLUBES que concorreram ao CAMPEONATO NACIONAL e «TAÇA DE PORTUGAL» durante a última época.

Êstes artigos serão acompanhados de

uma GRAVURA A CÔRES formato grande

representando a correspondente equipa de honra de futebol. Constituirão breves reportagens, encerrando um resumo da história de cada clube e algumas entrevistas com figuras de relêvo na sua massa associativa, sendo ainda ilustrados com fotografias que foquem acontecimentos de realce na respectiva actividade.

Teremos, portanto, além de muitas outras gravuras, nada menos de 16 ESTAMPAS, acompanhadas de ENTREVISTAS e um pouco da HISTÓRIA DE CADA CLUBE, o que ficará constituindo uma colecção interessantíssima dos principais grupos nacionais, que todos os nossos leitores vão arquivar com interesse, pois «STADIUM» oferecer-lhes-á ainda

uma CAPA para encadernar

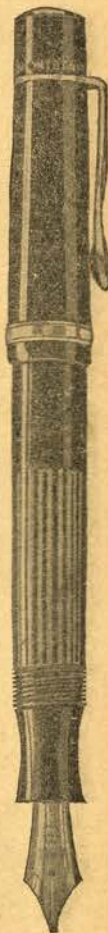
esta curiosa documentação de 16 ESTAMPAS e as páginas que as acompanham.

A todos os interessados nesta curiosa documentação de 16 ESTAMPAS pedimos que se inscrevam na nossa administração, tabacarias ou vendedores, e para a provincia, nos nossos agentes.

Aos leitores que não são nossos assinantes:

Acetilam-se assinaturas especiais para este série de 16 números. Baste enviar à Administração da «Stadium» a importância de 24\$00, para garantir a aquisição dêste formidável documentário — com a sua capa feita expressamente.

Aos números agentes do continente, ilhas e África pedimos que nos indiquem, com a possível antecipação, as quantidades que desejem receber.

MONT
BLANCMONT
BLANC



Um instantâneo de flagrante oportunidade: «Gracieuse», com o capitão Kirpatrick, na queda sofrida durante a «Taça de Ouro»

Embora com 4 faltas, a equipa espanhola ainda obteve o 4.º, 7.º e 8.º prémios, com «Nerval», «Palomera» e «Gracieuse», montados por Nogueiras Marques, Gavillan e Kirpatrick.

Foi esplêndido o programa do quinto dia de provas. A abriu-lo, a prova «Diana», reservada a senhoras, com 10 obstáculos à altura máxima de 1^m,10.

Contra o que é habitual, houve este ano maior número de senhoras inscrito e algumas delas revelaram magníficas qualidades, dando uma nota de elegância que o público premiou com fortes aplausos. Ganhou-a com brilho D. Maria de Azevedo, montando «Barrufo», com um percurso, sem faltas, em 58 s. e 4/5.

Justo é destacar D. Ilea Seabra, que realizou dois esplêndidos percursos, um sem faltas, no «Zagal», com o qual obteve o 2.º prémio, e o outro apenas com um derrube — mas com o melhor tempo da prova. O 3.º prémio foi ganho por D. Denise Reding, no «Tarass».

Seguiu-se a disputa da «Taça de Ouro da Península», a prova mais importante entre portugueses e espanhóis, na qual tomaram parte, conforme determina o regulamento, duas equipas compostas por quatro oficiais, montando cavalos pertencentes aos dois exércitos. As equipas entraram na pista com a seguinte constituição:

Espanha — «Gracieuse», «Madrono», «Liebano» e «Palomera», montados por Kirpatrick, Bulnes, Nogueiras Marques e Gavillan.

Portugal — «Xerez», «Paíol», «Raso» e «Sado», conduzidos por Helder Martins, Henrique Calado, Correia Barrento e Reimão Nogueira.

A equipa espanhola ficou logo de início em inferioridade devido a uma queda de «Gracieuse», que deixou o capitão Kirpatrick bastante magoado. Este oficial ainda tentou montar de novo mas o animal não estava em condições de continuar a prova.

Como o regulamento prevê a substituição do cavaleiro, em caso de acidente grave, no decorrer da primeira mão, mas não autoriza que os cavalos sejam substituídos, a equipa espanhola ficou reduzida a três elementos — não sendo, portanto, desprezados nenhum dos percursos.

Logo a seguir, o capitão Helder Martins arrancoo um belo percurso, sem faltas, no «Xerez», colocando a equipa de Portugal à frente da classificação; quando acabou a primeira mão, a vantagem era favorável aos portugueses, em 8 faltas, contra 15 dos espanhóis.

A segunda parte emocionou o público, que seguiu a prova com verdadeiro interesse. A equipa nacional, uma vez desprezada pelo pior percurso, penalizou-se em 20 pontos e a espanhola com igual número, conseguindo a magnífica égua «Palomera» o melhor percurso da prova.

Como no ano anterior, a vitória veio a pertencer à equipa de Portugal, que tocou 28 pontos, contra 35 da equipa de Espanha.

A prova foi rijamente disputada e era

Um belo salto de D. Ilea Seabra, no «Zagal»



A equipa portuguesa vencedora da «Taça de Ouro»

As últimas provas do Concurso Hípico Internacional de Lisboa A «Taça de Ouro da Península» e o «Grande Prémio» proporcionaram novas vitórias aos cavaleiros portugueses

formada por 12 obstáculos, à altura máxima de 1^m,40. A definição a sua dificuldade está o número de percursos sem falha — dois entre quinze.

Seguiu-se a Taça «Jockey Club de Buenos Aires» cuja classificação era feita pelo maior número de obstáculos saltados sem faltas durante três minutos. O percurso estava cortado por 15 obstáculos, à altura máxima de 1^m,30, devendo os cavaleiros repetir a prova até que o júri indicasse o fim do tempo.

O capitão Correia Barrento, no «Raso», esteve à frente na classificação durante metade da prova, depois de ter tido, sem derrubes, 34 obstáculos em 2 m. 51 s. e 4/5.

O seu percurso, justamente aplaudido, foi batido apenas por «Xerez», montado pelo capitão Campos Costa, que obteve o 1.º lugar, com 35 saltos em 2 m. 59 s., ouvindo grandes aplausos.

Justo é assinalar a prova do capitão Travassos Lopes, no «Académico», que durante os 3 minutos permitidos saltou 4 obstáculos, classificando-se em 3.º lugar.

(Continua na pág. 15)



D. Maria de Azevedo e D. Ilea Seabra, 1.ª e 2.ª classificadas na prova «Diana»

A PROVA «Ministério da Guerra», feita em percurso de caça, (14 obstáculos à altura máxima de 1^m,30 e com as faltas transformadas em tempo), costuma ser das mais emocionantes do concurso — mas este ano foi prejudicada pelas exigências do programa do terceiro dia, visto que os melhores cavalos estavam inscritos na prova «Turf Club».

Esta circunstância, o facto da equipa espanhola se encontrar desfalcada, devido ao comandante Somalo ter sofrido uma distensão muscular, e ainda porque a conhecida égua «Egalité» se encontrava impossibilitada de concorrer, fez com que o «Percurso de Caça» não tivesse o brilhantismo habitual.

Isto não quer dizer, no entanto, que a prova não fosse disputada com entusiasmo e que o capitão Reimão Nogueira não a ganhasse com brilho, num admirável percurso de «Sado». Poupano terreno, tanto quanto pôde, e alargando o galope à medida que os obstáculos iam sendo transpostos, conseguiu terminar a prova com 1 m. 8 s. 4/5, batendo o melhor tempo obtido até essa altura e que tinha sido conseguido pelo alferes Barros e Cunha, montando «Jocoso».

Mais tarde, «Montes Claros», conduzido pelo seu novo proprietário Henrique Wollmer, colocou-se entre «Sado» e «Jocoso» e fixou-se no segundo posto da classificação.

A equipa espanhola não foi feliz nesta prova e só meteu em prémio dois cavalos, o «Liebano», que com o capitão Gavillan conseguiu o 5.º lugar, e «Ranchero», que montado pelo comandante Nogueiras se classificou em 12.º.

A segunda prova do dia, denominada «Turf Club» e constituída por 12 obstáculos à altura máxima de 1^m,40, era de participação obrigatória para todos os concorrentes que tivessem mais de um cavalo inscrito no Concurso e facultativa aos restantes, não podendo, no entanto, cada concorrente montar mais de um cavalo.

Prova difícil, que reuniu as melhores montadas e quarenta e quatro cavaleiros, somente se conseguiram três percursos limpos.

A bandeira espanhola, que subiu no mastro de honra com um lindo percurso de «Madrono», montado pelo comandante Bulnes, foi substituída pela nacional poucos minutos depois, graças a uma boa prova de «Belver», muito bem conduzido por António Spínola, que obteve o primeiro lugar da classificação geral.

Imediatamente a seguir ao cavaleiro espanhol, em 3.º lugar, portanto, e distanciado apenas por um quinto de segundo, classificou-se o capitão Correia Barrento, com um belo percurso de «Raso», um cavalo que parece estar em grande forma.



«Palomera», montada por Gavillan, que fez o melhor percurso na «Taça de Ouro»



Henrique Calado, o cavaleiro que conquistou melhores resultados no concurso

Um Capital do Norte

ATLETISMO

No torneio da «Stadium», o F. C. do Pôrto demonstrou, de maneira inofensiva, o seu louvável interesse pelo atletismo

Comentários de EDUARDO SOARES

VAMOS encerrar os comentários que temos estado a publicar sobre o magnífico torneio que organizamos na pista do Lima, em hora feliz, analisando agora não só a actuação dos clubes, mas o referido torneio, como focando o interesse manifestado praticamente por cada um deles, em relação à modalidade, na época que corre.

Com toda a imparcialidade, temos de reconhecer que tem sido o F. C. do Pôrto a colectividade portueña que mais se tem interessado, este ano, pelo atletismo. Provavelmente os seus concidatãos, senões de treino, os frequentes torneos inter-cidades, a brilhante exhibição no nosso torneio e ainda a simpática iniciativa de tentar reorganizar os serviços técnicos e administrativos da Associação Portueña de Atletismo, levando a efeito uma reunião de clubes, que só não teve os efeitos visados por motivos alheios à sua vontade.

Perante, pois, estes palpáveis factos, ninguém de boa-fé nos pode acusar de parcialidade quando afirmamos ser o F. C. do Pôrto, esta época, o clube que mais tem pugnado pelo atletismo, embora à sua volta não encontre estímulo algum — pelo contrário: só desinteresse, abandono e comodismo.

É preciso, na verdade, grande aspirito de sacrificio, enorme força de vontade, para manter em treino aturado mais de meia centena de praticantes, na expectativa de ver passar toda a temporada sem que se realizem os respectivos campeonatos, onde, muito logicamente, o atleta procura o estímulo à sua preparação. Que fazem os outros clubes? O simpático Académico, por exemplo, proprietário de uma das melhores pistas do país, agremiação com louros e enormes responsabilidades no atletismo nacional — como justifica o desinteresse lamentável que tem votado ao salutar desporto? É preciso que os dirigentes do Académico não esqueçam o seu passado glorioso, escrito a letras de ouro na história da modalidade; é preciso que esse passado sirva mesmo de incentivo para realizações futuras. Parece nos, até, que uma das razões pelas quais o atletismo portueño caiu na tremenda crise que o avassalou se filia na «quebra» de valor da equipa acadêmica — e que, portanto, desde que esta entrasse em período de franco ressurgimento, seria a mesma crise em parte eliminada. Por isso apelamos para os dirigentes da agremiação do Lima, no sentido de que se esforcem, com todo o entusiasmo, por dar à secção de atletismo o incremento e a actividade que estejam de acordo com o seu passado.

Meditem os dirigentes do Académico suas responsabilidades que sobre si pesam na solução deste importante problema. Se o fizerem, estamos certos que a sua equipa não deixará mais a triste impressão de pobreza que patenteou no nosso torneio.

Depois do Académico, também o que se passa no Salgueiros nos dá motivos para reparos. Mercê da dedicação e do trabalho utilíssimo de Joaquim Moreira Júnior, esta colectividade apresentou-se, na época passada, com uma apreciável «turma» atlética, que prometa. Actual, verifica-se agora, que o clube não soube corresponder, com o merecido interesse, ao bom trabalho daquella época camarada. Assim, nesta temporada, em que Joaquim Moreira Júnior, por motivos de ordem particular, não tem podido orientar a respectiva secção, o atletismo no Salgueiros quasi deixou de existir, por falta de interesse dos seus dirigentes. Os atletas, a certo tempo, Joaquim Moreira Júnior voltou ao seu posto, o que nos garante que os salgueiristas não faltarão aos «possíveis» campeonatos, como infelizmente tiveram de faltar ao nosso torneio.

Falámos já dos três principais clubes portueños dedicados ao atletismo; numa das nossas últimas crónicas tínhamos feito as justas referências à boa acção desenvolvida pelo Académico de Braga Restan-nos, por isso, o Operário, o Vigorosa, o Sport, o Vilanovense e o Gaia — mas da actividade destes pouco se conhece por enquanto, embora nos chegue a agradável noticia de que as respectivas secções começam a movimentar-se.

Será, portanto, cabível terminas esta crónica com um apêlo a todas as colectividades, as quais o atletismo interessa, para que sigam o exemplo da louvável actividade do F. C. do Pôrto, e ainda para que, num esforço colectivo, tentem, mais uma vez, reorganizar em definitivo a Associação Portueña de Atletismo. Assim seja...

Como um portueño viu a representação da sua cidade na inauguração do ESTADIO NACIONAL

Exemplo do nosso camarada dr. Salazar Carreira, também direi com alegria e satisfação: «Eu estive na inauguração do Estádio Nacional! E de que vi nesse espectáculo maravilhoso de cor, de alegria e de vibrante dinamismo, nessa primeira grande festa do Desporto Nacional, consocio ainda bem nítidas na memória todas as cenas que, em seqüência arrebatadora, serviram de fundo à importante inauguração.

Parece que foi há momentos que os meus olhos se embriagaram com a beleza e o ritmo dos movimentos gimnásticos dos filiados da «Mocidade» e das raparigas do distrito de Oporto. Parece que foi há breves horas que entrei pela primeira vez no Estádio, onde recebi a mais forte sensação de grandiosidade de toda a minha vida! «Eu estive na inauguração do Estádio Nacional!» E também lá estiveram os representantes do desporto da minha terra, no seu desfilar garboso perante a imensa multidão que encheu o Estádio.

O distrito de Oporto teve a distinção que merecia. Foi-lhe prestada justiça! Pelo seu trabalho em favor do desporto, pelo seu incontestável valor como centro desportivo, os portueños figuraram no desfile em lugar destacado. E o público, seguindo quanto de justa tinha essa distinção, aplaudiu demoradamente os bravos representantes da «Cidade Invicta». Momento grandioso fosse, em que o meu sentimento bairrista vibrou intensamente, enquanto que nos olhos sentia o bailar irrepri-mível das lágrimas da emoção, do entusiasmo, do orgulho... Ainda eles vinham lá no fundo, na Praça da Maratona, e toda aquella gente dizia já, com carinho e com entusiasmo: «vem aí os rapazes do Pôrto!» E pude ver então — com que alegria! — o interesse exteriorizado por todos para com aquella representação, que vinha de longe, da Terra do Trabalho, falar claro da sua obra desportiva e colaborar naquela festa verdadeiramente nacional.

Portaram-se de maneira magnífica os atletas a quem coube a honra de representar o Pôrto. O seu desfile foi impiedoso de correcção, de exacto. Estiveram presentes, além dos convidados oficialmente, muitos outros que os clubes fizeram seguir à sua custa, em demonstração exuberante do interesse que aos nossos dirigentes mereceu a inauguração do Estádio. Lá estiveram os representantes do F. C. Pôrto — e o azul-branco das suas camisolas não passou despercebido ao grande público. O seu nome andava na boca de toda a gente! Mas outras colectividades se fizeram notar também: Sport, Fluvial, Vilanovense, Académico, Boavista, Salgueiros, Gaia, etc., etc.

Em suma: na inauguração do Estádio Nacional, o distrito do Pôrto deixou vincada a sua presença de maneira impressionante e magnífica!

Também na parte desportiva o grandioso programa inaugural do Pôrto se fez representar. Não por um team de futebol, mas por uma «equipa» de atletismo, que dentro das suas possibilidades não deixou de merecer presença agradável. E bom esclarecer, porém, que todos os atletas a quem coube a nossa representação pertencem ainda a categoria de «juniores», e que portanto são praticantes em pleno período de «formação». Contudo, e em especial nas duas provas de cem metros, os portueños comportaram-se com brilho: na primeira, a que só faltou Lourenço para que estivessem presentes os melhores especialistas nacionais, Romero creditou-se com um tempo inferior à 12^ª, e chegou na «mesma linha» dos consagrados Fernando Ferreira e Abreu Lima; na segunda, Póvoas conseguiu uma interessante terceira classificação. Diga-se ainda que o «junior» Romero não actua dentro da sua biotla normal, pois não só teve de suportar uma viagem fatigante, como também se viu vítima do mau serviço do hoteleiro que o alojou. Quando desceu à pista, Romero estava com duas noites «em claro» e sem alimentação conveniente — e estes factores não podiam deixar de influir no seu rendimento. A partir, Romero foi, sem dúvida, o melhor — executou mesmo uma impecável «sáida». E até aos 60 metros manteve muito bem a vantagem que aquelle factor lhe proporcionara; mas, na parte final, pelas razões atrás apontadas, não pôde «resistir» a fadiga.

O que interessa, porém, é que o atletismo portueño esteve presente na inauguração do Estádio Nacional, como que a dizer que por cá não faltam praticantes... mas sim dirigentes!

Por tudo, pois, o distrito do Pôrto teve a representação compatível com o seu valor.

EDUARDO SOARES

Por tudo, pois, a sessão que nessa noite organizamos na sede do F. C. do Pôrto vai constituir, por certo, o ótimo meio de propaganda da modalidade.

«Stadium» convidou todos os dirigentes dos clubes portueños, praticantes e o público em geral a assistirem a esta sessão.

O sr. Mário de Carvalho, illustre delegado nesta cidade da Direcção Geral dos Desportos, foi convidado a presidir à reunião.

*

Os prémios a distribuir são os seguintes: Taça «Dr. Salazar Carreira», para o F. C. do Pôrto. Medalhas para os atletas: Eloy Costa Pereira (250 e altura), Alfredo Serrano (50 e comprimento), Abel Gonçalves (700), Fernando Ferreira (peso e disco) e Manuel Silva Santos (2.000).

Vai organizar-se a Federação Nacional de Volley-ball?

Ouvindo Aquilino Monteiro, dirigente portueño

ENTRE as várias modalidades desportivas de recente prática no nosso país, o «volley-ball» — a última a entrar em contacto com o público — salienta-se como sendo das que mais praticantes conta.

Sem dúvida que, para esse fim, muito concorre a especial atenção que lhe dedicou a Organização Nacional da «Mocidade Portueña», aconselhando e determinando a sua prática para todos os escalões de filiados, mercê das circunstâncias especiais que militam em seu favor, como jogo desportivo em que a luta entre elementos de grupos diferentes — isto é, o choque — é absolutamente impossível.

Passado para os campos das cidades, o «volley-ball» tomou incremento ultra-rápido, sendo de centenas os clubes que o incluem nas modalidades cultivadas pelos seus associados. Os seus campeonatos atraem já número muito interessante de adeptos e não virá longe o tempo em que o «volley» será o desporto favorito de forte maioria.

Temos acompanhado a sua evolução e progresso desde que nos sentimos entusiasmados pela sua técnica, após a realização do I Pôrto-Coimbra, no Parque das Camélias.

Casualmente, falámos há dias com Aquilino Monteiro, grande propagandista e defensor acérrimo do «volley-ball», e instrutor da «Mocidade Portueña».

— O que há sobre o «volley»? — inquirimos.

— Marcha serenamente, mas em frente. Os seus passos são firmes — respondeu-me a sorrir.

— E de novidades? — perguntamos a insistir.

— Alguma coisa se prepara para dar maior consistência à modalidade. Estamos, ou melhor — estou a preparar um projecto para a organização da Federação Nacional. Os rapazes de Lisboa confiaram-me essa tarefa, a fim-de, em conjunto, se discutir depois e dar a última palavra sobre o assunto...

— Então, pode considerar-se uma ideia em marcha...

— Sim! — afirmamos-nos com convicção. O «volley-ball» deve ser dentro em breve qualquer coisa de excepcional no nosso país. Temos grandes dedicações e boas rotundas. A sua prática estende-se cada vez mais a todo o continente, em consequência da activa propaganda feita pelos núcleos da «M. P.». São eles os principais impulsores da modalidade que admiramos.

— Plenamente de acordo — atalhamos.

Aquilino prosseguiu:

— Serão assim fáceis os campeonatos nacionais, impossíveis de promover de outra forma, por falta de regulamentos próprios.

— Mas até lá? Que se pensa fazer?

— Estuda-se a viabilidade da realização de um torneio inter-cidades, entre Pôrto, Coimbra e Lisboa, num sistema de pontos, em disputa de taças. Lá lhe baterá a porta, quando isso for... — rematou.

E a concluir foi-nos dizendo que o torneio se fará numa volta só, aproveitando três dias seguidos, isto é, uma sexta, um sábado e um domingo, possivelmente.

Ainda não está marcada data para a realização deste torneio, que talvez seja levado a efeito no Pôrto.

UM CASO GRAVE

A Associação de Basketball do Pôrto encontra-se demissionária por descêrdo com a Federação

FINALMENTE surgiu dos «bastidores» para o domínio público o conflito existente entre a Associação de Basketball do Pôrto e a Federação Portueña.

A situação criada à entidade portueña pelo organismo central, na resolução do protesto do Vilanovense, é muito falsa e até anti-regulamentar. Não pretendemos nem está agora em causa — saber se o Vilanovense tinha ou não razão para o protesto apresentado. Tampouco queremos saber se a interdição imposta ao campo de Soares dos Reis, pela associação regional, foi justa.

É caso passado à história, resolvido mal ou bem pela Federação, sem ouvir a entidade dirigente desta cidade. Mas é aqui que começa o lapso — chamemos-lhe assim...

O protesto deu entrada na Federação, que solicitou da Associação do Pôrto determinados elementos, sem os quais ela, Federação, não poderia, por exigências, alterar a resolução do organismo portueño. Havia excesso de zelo? Parece que o mais acertado seria solicitar da Associação que expusesse as razões que a tinham levado a declarar interdição o campo do Vilanovense, e que se não fez assim. E disse-nos alguém com responsabilidade no meio do «basket» do Pôrto.

Para isso perderam-se largos meses, com todos os prejuízos resultantes para o clube atingido, ao qual a Federação quis dar razão. Já esta demora não é admissível.

Já vontade contra a associação regional?

Recusamo-nos a creditá-lo. Seria uma enormidade. A Associação do Pôrto — apesar de, por vezes, termos tido necessidade de lhe apontar algumas deficiências — tem efectuado trabalho digno de realce. Atentemos para já — e chega — no êxito que tem sido o campeonato nacional nesta cidade, tanto sob o ponto de vista financeiro como de propaganda.

Mas qual a razão determinante do pedido de demissão colectiva da gerência da Associação de Basketball do Pôrto?

Dizem-nos: porque a Federação, em vez de tratar do caso do protesto do Vilanovense, isto é, de dar conhecimento da sua resolução à sua representante no Pôrto, para que esta, por sua vez, do transmitisse a parte interessada, comunicou a sua decisão a uma e outra; quer dizer, remeteu à Associação um officio dando conhecimento da forma como tinha solucionado o protesto, enviando outro ao Vilanovense, a dizer qual a atitude seguida, acompanhado da cópia do officio remetido ao organismo regional.

Na sede do F. C. do Pôrto, «Stadium» promove mais uma sessão de propaganda pro-atletismo portueño e faz a distribuição dos prémios do torneio que organizou para «estreadantes»

O nosso memorável torneio — mais uma desinteressada iniciativa da «Stadium» em favor do atletismo portueño — tem o seu epílogo no próximo dia 4 de Julho, numa sessão de propaganda que, de colaboração com o F. C. do Pôrto, levamos a efeito na sede deste clube, pelas 21 horas.

Além da distribuição dos prémios, serão proferidas também duas palestras sobre os assuntos, mais importantes de atletismo: uma, pelo nosso camarada Eduardo Soares; outra, pelo consagrado técnico portueño sr. Roberto Machado — o homem a quem o nosso atletismo muito deve e que por ele se não tem poupado às maiores canseiras e sacrificios.

COMENTÁRIOS A PROPÓSITO DOS CAMPEONATOS REGIONAIS DE VELOCIDADE

EMBORA as regatas que nos últimos tempos se têm efectuado em Lisboa não tenham demonstrado, tecnicamente, qualquer sintoma de progresso dos nossos remadores, têm-se salvo, ao menos, as organizações, confirmando que há gente com capacidade e sentido orientador. Mas nos campeonatos de velocidade, corridos no penúltimo domingo, até o capítulo organização teve as suas falhas. Por negligência dos indivíduos encarregados dessa missão? Nada disso. Simplesmente pela falta de pulso firme. *Do ser ou não ser!*...

O incidente que se deu com a primeira largada poderia ser evitado se houvesse da parte do juiz de partida um critério uniforme, rectilíneo. Nestes momentos é preciso muita calma, reflexão ponderada e força de vontade suficiente para não se deixar influenciar por pressões estranhas.

O que se seguiu, porém, é mais digno de censura.

Os remadores do «yolle» sénior do Clube Naval não podem invocar atenuantes para a sua atitude de abandono, uma vez que estavam indicados para fazerem parte da tripulação do «shell» de 8.

A circunstância de se sentirem lesados por uma deliberação do juiz de partida, não justifica o seu evidente pouco desportivismo subsequente.

Além do respeito que devem à sua categoria de remadores séniores, e aos seus próprios nomes, havia também que respeitar os companheiros de equipa com quem iam emparceirar no «shell» de 8, e os adversários, que não tiveram culpa alguma do que se passou.

A nossa orgânica do remo necessita ser revista cuidadosamente. Há muita velharia inútil. Já há tempo nos insurgimos contra os regulamentos e seus parágrafos imutáveis, que não estão conformes com o espírito actual. Na vida tudo evolui.

Só os regulamentos do remo, por obra e graça de cabeças conservadoras, teimam em assistir, impávidos e serenos, à marcha do tempo...

Uma regata com um concorrente, por exemplo, parece-nos anedota. Dá-se a circunstância de, muitas vezes, os clubes estarem exactamente à espera da prova que não tenha inscrições para apresentarem uma tripulação que, evidentemente, sairá vencedora... Não é desportivo. Não ajuda o progresso que se pretende.

Deveria estabelecer-se um artigo em que se determinasse que uma regata não se disputaria senão com o mínimo de dois concorrentes. Francamente, não queremos acreditar que os clubes ponham em dúvida os benefícios dessa clausula!

Constou, e nós mesmo disso nos fizemos eco, que o Estoril Praia compararia nos campeonatos de velocidade, inaugurando assim a sua secção náutica. Por motivos que ignoramos, o Estoril Praia não apareceu. Fazemos votos para o que o vejamos em breve nas competições do mar. Quantos mais, melhor!...

Uma pergunta: porque não foram fornecidos à imprensa os «tempos» de cada regata? Antigamente era costume. Mas também antigamente a escola era risonha...

Na nossa terra, os curiosos são como os cogumelos... Surgem de todos os lados... Há algum tempo que na Stadium têm sido recebidas perguntas quanto à verdadeira identidade de «Argonauta». Com que fito, não sabemos... Decidimos, por isso, abdicar do pseudónimo — aliás muito simpático — e passar desde hoje a assinar tal qual somos...

LANÇA MOREIRA

Stadium na Capital do Norte

Gil Moreira

A notícia dada pela «Stadium» do desastre sofrido pelo nosso querido camarada Gil Moreira causou, nos meios desportivos desta cidade, em especial nos do ciclismo, geral consternação.

Gil Moreira, que pela sua cordialidade, rectidão e conhecimentos técnicos se impôs à consideração de todos, é geralmente estimado no Pôrto.

Até nós têm chegado perguntas sobre o seu estado, de várias entidades e indivíduos. A todos manifestamos a nossa gratidão.

A. F. do Pôrto

Parece que se pretende elaborar uma nova lista de corpos gerentes, para a futura época, com destino à Associação de Futebol do Pôrto. As informações são,

Este, que não estava de acordo, preparava-se para fazer valer as suas razões, mas foi disso impedido porque teve conhecimento da orientação federativa junto do Vilanovense.

Em face desta forma discutível de agir, a Associação regional pediu a demissão colectiva.

O assunto está, portanto, com aspecto antipático, porque os dirigentes portuenses resolveram não tomar conhecimento nem dar andamento ao expediente recebido.

Está a ser elaborado, na altura em que escrevemos, um memorial que vai ser enviado à Delegação da Direcção Geral dos Desportos nesta cidade, no qual são aduzidas as razões que assistem ao organismo orientador portuense.

Lamentável, por diversos motivos, o incidente suscitado: pelo que representa do anti-regulamento — todas as questões sobre a federação através das associações e regionais —, pela feição anti-disciplinar que assumiu e pelos resultados funestos que pode ter sobre o futuro da modalidade.

Não sobram os dirigentes. Todos sabem que a maior parte do desinteresse que existe em várias modalidades reside na falta de orientadores com conhecimentos. Se se vai entrar no caminho de os descontentar ou aborrecer, com questões como esta, onde ir buscar quem se preste ao ingrato papel de dirigir organismos, que exige uma enorme de dedicação, sacrifício e canceiras?

Todos os nossos votos são para que este caso tenha pronta solução. No entanto, temos de reconhecer que nele paira certa dose de confusão.

Oxalá que tudo se resolva dentro do melhor espírito, em proveito do «basket-ball».

SEMANA A SEMANA

no entanto, ainda imprecisas, mas fala-se num bloco de oposição, constituído por um clube da 1.ª divisão, de além-circunvalação, com o apoio de outros das restantes divisões.

É estranho, porquanto a actual gerência da A. F. do Pôrto foi quasi que reconduzida por unanimidade de votos e não parece coisa fácil conseguir-se um conjunto de elementos como aqueles a que preside a figura prestigiosa de Alberto de Brito.

Se as informações não falham, este bloco está desde já condenado a um fracasso, tanto mais que se pretende alvejar alguém que, pela sua inteireza de carácter, rectidão e personalidade, é das que menos culpas (?) terá nos desgostos que possam existir da parte dos opositoristas.

De cana na mão...

Continua aberta a «pesca» a alguns dos melhores elementos do futebol. Já aqui o dissemos: o F. C. Pôrto está a reforçar-se com elementos do Lamus, do Ovarense, e conta com Octaviano. A possível presença de um elemento do Infesta parece inevitável.

O Boavista, julga-se, deve ter assegurada a presença de Cerqueira, ex-defesa saigueirista, que passou esta época em Famalicao.

E pelo Académico — o que haverá? Neste clube trabalha-se um pouco em segredo, mas afirma-se que não ficará para trás nas novidades...

O caso do Vianense

O Vianense está à espera que os clubes da Associação de Braga se resolvam a admiti-lo no seu seio. A oposição é forte, mas não justa.

Dissolvida a A. F. de Viana do Castelo, o Vianense não tem outro recurso: ingressar na Associação de Braga para não deixar de entrar nos torneios nacionais de futebol.

Já sobre o assunto há disposições tomadas pelos organismos centralizadores do desporto, mas a gente de Braga não se acha muito na disposição de acatar, sem discutir, a entrada do Vianense.

Desportivamente, a razão não pode existir. Outras haverá, fortes na sua verdade. Mas todas elas deverão curvar-se perante as necessidades colectivas e as circunstâncias do momento que passa.

O «homem das luvas pretas»

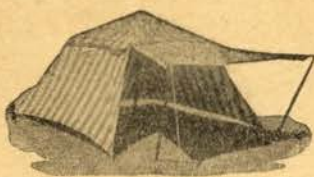
Dá-se como positiva a presença de Carlos Alves na região durleuse. Segundo o que consta, o antigo internacional de futebol deverá passar a treinar o Vila Real. Damos esta informação sob todas as reservas.

Sombrieros
Barracas PRAIA
Tendas E MA-
TERIAL
DE
ACAMPAMENTO



Consulte sempre a
SOC. INDUSTRIAL
DE TOLDOS E
ENCERADOS

R. Vale S.º António, 59
TELEF. 2.5357 LISBOA



Toldos de sistemas aperfeiçoados

DE COIMBRA

A instabilidade das grandes equipas

A vida desportiva da Lusa-Atenas, neste verão que trouxe já alguns dias insupportáveis de calor, anda muito à volta do que se fala relativamente à bola. Seria mais natural que falássemos de outros desportos — e da água. Mas a piscina ainda não foi reconstruída. A iniciação local da natação mantém-se dentro das mesmas causas e dos mesmos efeitos, por isso que nem toda a gente é capaz de apreciar o belo esforço conimbricense de várias épocas, não sabendo transgír na devida altura. A situação arrastou-se, por vezes, incompreensivelmente. Isto, pelo que respeita à natação, cuja prática se tem limitado ao pequeno tanque da Académica. O atletismo teve um ciclo curioso de provas no encontro Académica-Instituto Nacional de Educação Física. E o «ba-ke-t» deu azo a que o Conimbricense voltasse ao primeiro plano de outras temporadas.

Tudo, porém, parece pouco, comparado com o futebol, por causa dos boatos que vão correndo, acerca de saída e entrada de jogadores na Académica e no União, os dois melhores clubes locais da especialidade. E' tremendo o que se diz. Se tudo fôsse confirmado, sairiam do «onze» de honra da Académica: Mário Reis, para a África, Acácio e Armando, para o Belenses; o dr. Oliveira, para o Sporting; e Octaviano, para o Pôrto. O dr. Alberto Gomes parece abandonar o futebol e Armando andou afastado este ano. Há apenas que falar em cinco jogadores. Mesmo assim, seria quasi meio «team»...

A Académica, com o recrutamento de jogadores entre estudantes, e durante o período escolar, é um clube em que varia grandemente a constituição das equipas. Mas é também um clube que luta sempre com ânimo, entusiasmo, optimismo, não desanima com duas cantigas... Vão-se uns, e vêm outros. E' a lei da vida... A Académica refrescará as suas equipas. E talvez fiquem regulares, quando menos se espera.

Acerca do União, corre igualmente que há saída de vários jogadores. Indicam-se três elementos como abandonando Coimbra e trocando-a por outras terras. Não falem, porém, nisso... Basta o que fica escrito para dar ideia do que pode ser a mudança de valores nesta cidade. Além disto, apenas o desejo de que os boatos não se confirmem — e de que Coimbra possa continuar a afirmar o valor dos seus clubes, em todos os desportos.

TIRA NODOAS CRUZAL

é indiscutivelmente o melhor

A' venda nos estabelecimentos JERÓNIMO MARTINS & FILHO

RUA GARRETT N.º 17

Sporting e F. C. Porto

mais uma vez na final do campeonato nacional



A segunda mão das meias-finais do campeonato de Portugal, deu a esperada decisão a favor das equipas visitadas, mas por forma um tanto surpreendente e digna de comentário.

Em Lisboa, Sporting e Vilanovense travaram luta cavalheiresca, com expressiva vitória dos «leões» por 13-6, diferença que poderia ter sido maior se o avançado-centro sportinguista tivesse melhor pontaria e mais apurada forma.

No Porto, o F. C. Porto desembarcou-se do Unidos por 5-3, mas o jogo foi áspero e os campeões nortenhos viram-se em dificuldades para defenderem no final a vantagem que traziam do princípio.

Isto confirma a nossa impressão de que a final deste ano, o mais famoso duelo do «handball» português, com tradições honrosas no historial da prova, é mais incerta do que nunca e pode trazer para o sul o primeiro título máximo. Prognóstico muito tímido, porque tanta confiança nos merece, como a inversa.

O Sporting, contra adversário animoso e de cujas possibilidades não podemos duvidar ante o conceito que lhe dispensa a crítica portuguesa, teve exibição notável e desconcertante; lemos, nalgumas apreciações de imprensa, a opinião do jogo haver tido escasso interesse e pouco merecimento técnico; discordamos de uma e outra coisa, porque a luta foi sempre atractiva, rica em bolas marcadas — o acepipe preferido pelo público — e renhida, apesar do avanço inicial dos «leões».

A partida pode definir-se por vantagem inicial e final do Sporting, com largo período intermédio de ataque e resposta, marcações alternadas e esforços valerosos dos portuenses para recuperarem a diferença na contagem.

As duas equipas seguiram processos contrários de jogo e essa foi

(Continua na pág. 14)



1, 2 e 3 — Fases do encontro F. C. Porto — Unidos, efectuado na capital do Norte; 4 e 5 — Aspectos do jogo entre o Sporting e o Vilanovense, no Lumiar.



A chegada dos 50 metros



Nos concursos de saltos



Gaspar, Campos e C. Branco, Sporting, vencedores dos 3x700

ATLETISMO

Os campeonatos de estreantes foram muito mau princípio de época

ENTENDAMO-NOS: os campeonatos de estreantes disputados nas Salésias, no sábado e no domingo passados, foram muito apreciáveis pelo ardor da competição e esperançosos resultados dos vencedores; mas foram uma lástima sob o ponto de vista de organização, na qual a falta de autoridade, a inesperada e a confusão, se deram mãos para apresentar o mais triste espectáculo. Se propositalmente tivesse havido a secreta intenção de comprometer a entidade responsável, os intérpretes da organização não conseguiriam obra mais perfeita.

Prestamos justiça aos bons desejos de todos e nem por sombras pomos dúvida sobre a honestidade geral de propósitos; mas, para estes melindrosos assuntos de técnica atlética, tais virtudes não bastam e é indispensável um mínimo de competência, que não existiu no campo de Belém.

As provas no sábado estavam anunciadas para as cinco horas da tarde, começaram às seis e acabaram depois das dez, com um programa que podia despachar-se em duas horas.

Na corrida de 60 metros houve uma única partida regular e as coisas atingiram tais proporções na desorientação e enervamento, que se diria que a única coisa proibida aos corredores era ficarem quietos à espera do tiro. No domingo, sem que possamos comentar o incidente porque não estávamos presentes, outro caso relacionado com partidas antecipadas provocou grande balbúrdia, reclamações e manifestações graves de indisciplina.

É indispensável que tais factos, — lamentável inovação no atletismo português —, não possam repetir-se; experiências de adestramento em provas oficiais, são perigosas e nocivas.

Para os cargos de responsabilidade escolhem-se pessoas



A chegada dos 120 metros



Os concorrentes ahiñados para a saudação

averigualmente competentes e, para o caso do juiz de partida, a Associação dispunha apenas de três pessoas com boas provas dadas: Hans Lipka, Luís Aguiar e Júlio Santos. Porque não convidou qualquer deles?

Note-se que Nobre Guedes, foi, sobretudo, vítima dos seus nervos e da má colocação que em certos casos escolheu na pista; nas corridas escalonadas, instalava-se a maior distância e abrangia melhor os corredores, pelo que desempenhava regularmente as suas funções; mas, para os 60 metros, tomava posição a poucos metros da linha dos corredores e não conseguia recolher na retina a imagem simultânea dos cinco participantes. São defeitos que se corrigem com a prática, mas não deviam ser corrigidos à custa de experiências deste género.

A demora entre as várias provas foi exasperante e as responsabilidades cabem ao juiz árbitro, que não soube dinamizar a organização. Os concursos não podem decorrer independentes das corridas, sobretudo aqueles concursos extra-programa, que são muito úteis para pôr em acção os atletas, mas pouco interessam o público e nunca devem sobrecarregar os programas.

Na primeira jornada, a primeira partida de 60 metros, foi dada às 18.5 horas; os 250 metros iniciaram-se às 18.50 horas e as meias-finais dos 60 metros às 19.45 horas. Não é exagero considerar longos demais tais intervalos.

Concorrentes e resultados

Se os dirigentes se portaram como estreantes, os estreantes portaram-se como azes. O conjunto de resultados foi excelente e melhoraram-se muitos dos máximos da categoria: 60 m., 120 m., 3 x 700 m., altura e comprimento, mas os restantes não ficaram longe das respectivas marcas limite.

O Sporting foi o vencedor da classificação geral, conquistando a taça «Cristóvão Cardoso» apenas por dois pontos de vantagem, 42 a 40, totalizando a sua soma nas corridas, pois não conseguiu classificar um único representante nos concursos, onde, em contra-partida, os «encarnados» amalharam 22 pontos.

(Continua na página 14)

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.^a maior perfeição e não paga luxo.

DESSPORTOS DO «STICK» ATLETISMO

Notas & Apontamentos da Semana

(Continuação da pág. 13)

NA desena de competições oficiais que normalmente — e anormalmente — são disputadas no País — campeonatos regionais (Lisboa e Pôrto) e nacionais das modalidades do «hockey» e de corridas em patins, «Taças de Honra» e «Taça de Portugal» — apenas duas estão concluídas e uma encontra-se em curso, por sinal a mais prolongada de todas elas! Mas não há que temer pelo que venha a verificar-se... E por uma simples razão: é que a época, embora «adiantada» — porque se lhe deu começo realmente tarde, em consequência de circunstâncias de momento que são por de mais conhecidas... — não deve e não pode, sequer, sofrer atrasos menores; para isso se trabalha com afinco e boa vontade em servir a causa por que todos, orientadores e dirigidos, andamos empenhados. Em Lisboa «acordou-se», de facto, tarde; mas nunca é tarde quando há vontade! E no Pôrto? As coisas parecem não correr de feição — mas queremos crer que tudo se remediará, na medida do possível e com tempo: isto, claro, no que diz respeito ao «hockey» em patins e ao patinagem — que se nos afiguram «adormecidos»... Contraste: no «hockey» em campo trabalha-se melhor (trabalha-se não é bem o termo próprio!) no Norte que no Sul; se bem que Lisboa, com menos clubes e tendo principiado mais tarde, tivesse concluído a sua prova quasi ao mesmo tempo! Apenas com a diferença — ou a desvantagem de três domingos mais...

Estão já concluídas duas competições oficiais de «hockey» em campo: os campeonatos de Lisboa e do Pôrto. São as primeiras provas feitas dos desportos do «stick». Mas faltam ainda nove... Em Lisboa trabalhou-se depressa e bem: igualmente no Pôrto, embora com seis clubes mais. O Boavista e o Benfica (aquele pela primeira vez) são os novos campeões regionais: as segundas classificações, com direito à entrada na «Taça de Portugal», conquistaram-nas, respectivamente, o Ramaldense e o Futebol Benfica, ou sejam os dois campeões destronados! Isto é realmente curioso e abonatório da subida de valor de algumas equipas. Por interessante, publicam-se as classificações finais nos dois núcleos:

Lisboa — 1.º Benfica, 23 pontos (8 jogos) e 15-3; 2.º Futebol Benfica, 20 p., 22-2; 3.º Hockey, 17 p., 19-11; 4.º Belenenses, 11 p., 4-22; Atlético, 8 p., 3-25. Cinco concorrentes...
Pôrto — 1.º Boavista, 55 pontos (21 jogos) e 47-10; 2.º Ramaldense, 53 p., 48-11; 3.º Leixões e F. C. Pôrto, 51 p., (20 jogos — com os de mais), 65-16 e 60-13; 5.º Académico, 45 p., 40-15; 6.º L'Air Liquide, 35 p., 10-34; 7.º Villanovense, 34 p., 12-27; 8.º Gaia e Estrela e Vigorosa, 32 p., 17-39 e 20-55; 10.º Académico de E-pinho, 31 p., 11-34; 11.º 22 p., 11-88. Concorrentes: onze!

Da diferença entre o número de clubes praticantes (portuenses e lisboetas) algo deve resultar: o «reflexo» pode avaliar-se pelos resultados das partidas entre seleções, e ainda, com mais «amplitude», por aquilo que lisboetas e portuenses puderam fazer contra o misto de mascaites residentes na metropole.

No «hockey» em patins (referência simplesmente, à actividade dos lisboetas) nota-se que há agora — ou começa a haver? — desnível mais pronunciado em relação a campeões e subalternos... Quero dizer: o Paço de Arcos permanece fixe, de pedra e cal, marchando com firmeza para a conquista de novo título, precisamente porque os «outros» se «atropelam» a cada passo! Veja-se o empate do Benfica em Campo de Ourique 0-0 e a derrota da Académica em Sintra (4-8) — consequências imediatas desse mesmo desnível de valores apontado acima. A era dos «arrabalinos» tem agora — mais que nunca — justificação e cabimento.

— Em Magdburgo e em Hamburgo disputaram-se as finais dos campeonatos alemães: masculino e feminino. Vencedores: ISV (Hamburgo: homens) e Harvesterhüder (Hamburgo: raparigas). Quere dizer: os hamburgueses marcam personalidade — e as hamburguesas também. Em Espanha, disputou-se o primeiro campeonato nacional: venceu Español de Barcelona. E, agora, a propósito: por que se não tenta (já que o «resto» das negociações internacionais se encontra prejudicado devido à guerra) um Portugal-Espanha em «hockey» em patins, ou mesmo um Lisboa-Barcelona? Quem quiser que aproveite o alvitre — mas a «ocasião» parece-nos a mais propícia.

JORGE MONTEIRO

HANDBALL

(Continuação da pág. 12)

uma das causas do resultado; ao passo que o Sporting, usando o sistema dos passes longos, em profundidade, galgava terreno e adversários e chegava com campo aberto ante a baliza, o Vilanovense preferiu o passe curto e repetido, em sentido lateral, e a sua progressão levava na frente os adversários, condensando ante a área a parede defensiva.

A partida do Lumiar, magistralmente dirigida pelo sr. António Magalhães, do Colégio de Arbitros Portuense, presta-se à apreciação da apregoadada e disparatada divergência de critérios nas duas regiões. É curioso, muito curioso e significativo, verificar que os melhores árbitros portuenses, quando vêem dirigir encontros a Lisboa, arbitram exactamente com o mesmo critério dos bons árbitros lisboetas.

Logo, a sua acção no Pôrto, se difere da que nos mostram quando de lá saem, é porque sofre o efeito reflexo de influências e pressões estranhas ao seu julgamento.

Queixaram-se alguns «técnicos da pena» da relutância dos sudistas em aplicar as grandes penalidades; pois nos quatro jogos das meias finais registaram-se duas únicas grandes penalidades e foram ambas determinadas pelos árbitros lisboetas!

O espírito das leis do handball ficou há um ano e meio perfeitamente definido pela comissão que redigiu as actuais regras e os interpretou com sentido único para todos os organismos dependentes da Federação; dessa comissão faziam parte, o dr. Salazar Carreira, como representante federativo, o sr. Acácio Rosa pela Associação de Lisboa e Edgar Fernandes, pela Associação do Pôrto.

Foram estudados e discutidos todos os pormenores possíveis e estabelecida doutrina comum; não pode portanto dizer-se que hajam divergências, porque a não haver acôrdo de processos, há quando muito indisciplina de alguém.

Paralelamente com o campeonato nacional tem a Associação de Lisboa feito disputar os jogos do seu campeonato de juniores, a que concorrem Belenenses, Marvilense e Sporting.

O programa de velocidade foi, este ano, aumentado com uma prova de 120 m, que nada justifica, a não ser o capricho de algum dirigente, à mingua de iniciativa que o impusesse.

O sportinguista Jorge Machado, do tipo meão e enérgico tão frequente no rol dos «sprints» portugueses (Carvalhosa, José Maria Santos, Lourenço, Núnico, Abrunhosa, Antero, Fontes, etc.) venceu com autoridade os 60 m. e os 120 m., em 7 s. e 13,7 s.; é um produto da escola leonina, tão auspiciosamente inaugurada com os concursos de Outubro.

São ainda credores de referências: o benfiquista Carlos Mendonça, também creditado em 7 s.; o novel Sebastião Camões, que na sua meia final baixou o mínimo da categoria para 6,9 s., e será no futuro uma estrela nas provas de velocidade prolongada; Manuel Colaço, outro produto sportinguista, que triunfou em 250 m. com 30,6 s. e foi segundo nos 120 m. com 13,9 s., também inferior ao antigo mínimo de Mira Barroso; Artur Dias, a quem falta pêso para aproveitar a sua natural velocidade; Paulo Branco, Helder Sá, Luís Nobre Guedes, Joaquim Silveira e mais alguns cujos nomes escapam.

Na prova de meio-fundo, fixada em 700 metros, destacou-se um representante do Carcavelos, José Vicente, que percorreu a distância 1.ª 49,4 s., batendo dois «leões» de boa classe também: Manuel Castelo Branco e Joaquim Campos.

Este mesmo José Vicente foi vencedor no salto em comprimento com o prometedor alcance de 6 m 40; boa velocidade, poder de impulsão, mas estilo rudimentar.

O campeão de fundo foi o conhecido Manuel Gomes (2000 m. em 6,2 s.), vencedor no ano passado do Campeonato Popular dos 3000 metros, organizado pelo «Diário de Notícias», e durante o inverno excelente corredor do Benfica nas provas de corta-mato.

O Sporting venceu as três estafetas, com manifesta superioridade; temos lido que é esta a melhor prova de profícuo trabalho em profundidade.

Dois homens, João Seródio, do Internacional, e Queiroz Vieira, do Benfica, transpuzeram 1.ª 7,22 em altura; ambos são atletas de futuro, com classe demonstradas em provas da Mocidade.

Os lançamentos foram as provas mais fracas: 27.ª 90 com o disco (Homero Reis, Benfica) e 12.ª 51 com o peso pequeno (F. Fernandes, Benfica), são fracas alcanças, mesmo para rematar.

SALAZAR CARREIRA

MATERIAL ELÉCTRICO

para todo o género de
INSTALAÇÕES

A Iluminante

A casa de maior expansão no ramo

ARMAZÉNS — Avenida Almirante Reis, 6 (Loje 1.º 2.º e 3.º andar) — Largo do Intendente, 11, 12, 13, 14 e 15
ESCRITÓRIO — Largo do Intendente, 16 — Teleg. Iluminante — Telef. P. B. X. 46186, 46187 e 51146 — Apartado 429

Depois de o empate entre os «azuis» e os «leões», os maravilenses tiveram no domingo estreita auspiciosa conseguindo derrotar a equipa de Belem, que antes da prova de anúncio ser particularmente forte.

Os juniores têm competido com muito entusiasmo e apreciado comportamento técnico, fazendo prever para os clubes participantes excelentes frutos no futuro da modalidade.

Talvez este argumento convença os outros a imitá-los para o ano.

JOSÉ DE EÇA

O HOMEM MODERNO



faz diariamente a barba com creme OATINE de barbear, o produto preferido não só no Império Britânico como em todo o Mundo Civilizado.

OATINE
Loção para depois de barbear — Produtos de beleza Perfumarias de fama Mundial



CRÈME DE BARBEAR

TRAVESSA DO COTOVELO, 32, A
Telef. 20218 — LISBOA

(Continuação da pág. 5)

«Desporto» foi o tema escolhido pelo nosso prezado camarada António Ribeiro dos Reis, que o desenvolveu com todos os seus recursos de jornalista distinto e dirigente experimentado, focando os aspectos e as necessidades mais urgentes do desporto português e fazendo a apologia do desporto praticado em boas condições, elogiando, por isso a criação de Centro de Medicina Desportiva.

Mestre dos mais distintos, com larga folha de serviços prestados à causa da Educação Física, o cap. Celestino Marques Pereira pronunciou-se acerca de «Alguns aspectos da ginástica educativa», e fê-lo com o brilho e o conhecimento de causa que lhe são peculiares.

As classes do Lisboa Gimnásio

Outra ideia feliz da direcção do Sport Algés e Dafundo: o convite dirigido ao Lisboa Gimnásio Clube para que três das suas classes se fossem exibir a Algés. A aura que hoje rodeia as classes do prestigioso instituto de educação física justifica em absoluto que o «court» de tennis do S. A. D. se enchesse por completo. O valor indiscutível das classes está por demais posto em relevo e é sobejamente conhecido para que seja necessário frisar esse ponto. Diremos, apenas, que foi uma noite de bela propaganda da educação física e mais um triunfo para o Lisboa Gimnásio. A classe do prof. sueco Curt Johansson, pela sua correção, a do prof. Anibal Ramos pela sua extrema graciosidade e leveza das componentes, a do prof. Robalo Gouveia pela forma impecável como os ginastas trabalham nas paralelas ou na mesa alemã, arrancaram calorosos aplausos.

O festival de natação

O festival de natação inter-sócios, realizado no último domingo, encerrou o ciclo das comemorações do aniversário do S. A. D.

Foi um festival interessante, que a assistência seguiu com agrado, e de cujas provas salientaremos os 66 metros-costas infantis, pela igualdade de valores dos três primeiros, os 100 metros-livres, seniores, pelo tempo, obtido por Oscar Cabral — 1 m. 9 s. $\frac{8}{10}$ — e os 100 metros-costas iniciados, onde Guilherme Patrone fez, à vontade, uma boa prova.

A lista completa dos vencedores, que arquivamos, é a seguinte:

33 metros-livres, meninas — Maria Helena Barradas, 29 s. $\frac{5}{10}$; 66 metros-costas, infantis — Armando Silva, 58 s. $\frac{9}{10}$; 100 metros-costas principiantes — Mário Pereira, 1 m. 30 s. $\frac{9}{10}$; 100 metros-costas iniciados — Guilherme Patrone, 1 m. 29 s. $\frac{5}{10}$; 100 metros-costas juniores e seniores — Fernando Leal, 1 m. 21 s. $\frac{8}{10}$; 100 metros-livres, juniores e seniores — Oscar Cabral, 1 m. 9 s. $\frac{8}{10}$; 3 x 66 metros-estilos principiantes — Equipa D, 2 m. 41 s. $\frac{9}{10}$; 3 x 66 metros-estilos infantis — Equipa B, 3 m. 1 s. $\frac{6}{10}$; 3 x 66 metros-livres principiantes — Equipa B, 2 m. 25 s. $\frac{9}{10}$; 3 x 100 metros-estilos, juniores e seniores — Equipa A, 4 m. 6 s. $\frac{9}{10}$.

E por ultimo, a fechar o programa, um desfilio de «water-polo» entre o «team» que representou o Algés em Barcelona, em 1932, cujos componentes, alguns ainda em actividade, deram boa conta de si, e o grupo dos novos que veio a ganhar pela diferença minima de três bolas a duas, depois de luta cerrada e interessante de seguir.

AS ÚLTIMAS JORNADAS DO CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL

(Continuação das páginas centrais)

A equipa espanhola, privada do concurso do comandante Somalo e do capitão Kirpatrick, apenas obteve o 4.º, 8.º e 10.º prémio, classificações estas que não correspondem ao valor dos cavaleiros e à qualidade dos seus cavalos.

O principal atractivo do antepenúltimo dia de provas era, sem dúvida, a disputa do «Grande Prémio», a mais dura e difícil do Concurso de Lisboa.

A mesma prova dera aos espanhóis, no ano anterior, uma grande vitória, com o percurso magnifico de «Batato», conduzido pelo comandante Nogueiras.

Este ano, em Madrid, coube aos portugueses a vitória no «Grande Prémio», que o alferes Henrique Calado obteve no cavalo «Desejado».

O interesse, por isso mesmo, era enorme e absolutamente justificável.

Na pista levantaram-se 16 obstáculos à altura máxima de 1 m. 50 mas, como havia diversos duplos e um triplo, os obstáculos eram praticamente vinte e dois. Prova difficilima, na qual só poderiam brilhar cavalos de categoria.

A bandeira nacional subiu no mastro de honra depois de um bom percurso do capitão Helder Martins, no «Optus», apenas com um derrube e em 1 m. 46 s. $\frac{1}{10}$, tempo este que quasi a meio da prova, o alferes Rangel bateu, no «Basculho», colocando-se à frente da classificação.

«Ranchero», com o comandante Nogueiras, começou com muito cuidado, relativamente lento mas conduzido com a preocupação de «limpar». Uma queda aparatosa obrigou-o à desistência e reduziu assim as probabilidades da equipa espanhola. No entanto, a bandeira vermelho-ouro subiu pouco depois no mastro, devido a um bom percurso de «Madroño», com o comandante Bulnes, que ouviu também fortes aplausos. Apenas com 1 derrube, conseguiu o tempo de 1 m. 36 s. $\frac{3}{10}$, o que lhe daria a vitória se a prova terminasse sem percursos limpos.

Os velhos alinharam: Mayer; Manuel Cardoso e Francisco Pedroso; Armando Moitinho de Almeida; José de Freitas, Hermano Patrone e Sacadura.

Os novos apresentaram: José Rosa; Oscar Cabral e Abrantes dos Santos; Fernando Leal; Borges, Bessone Junior e José Manuel Correia.

Moitinho fez um «goal» no primeiro tempo, aos cinco minutos. Na segunda parte, aos 25 segundos, José Manuel Correia empatou, e Bessone Junior colocou os novos em vencedor, por 2-1, aos 2 minutos. Aos 4 minutos, Moitinho restabeleu o empate, tendo José Manuel Correia, por sua vez, posto os novos na posição de vencedor, por 3-2, aos 6 minutos — resultado final do encontro.

Viram-se bons momentos de «water-polo», e os velhos, todos ainda muito bem conservados, lutaram com animo, e entusiasmo. Mayer teve várias defesas a recordar os seus melhores tempos. Todos devem, porém, ter recordado, esse dia já afastado, há uma dúzia de anos, em que pela primeira vez partiam em demanda de terras espanholas, plenos de mocidade, duma mocidade que se poderá recordar sempre, mas que não volta mais...

Já quasi no fim — faltavam correr sete cavalos — entrou na pista o alferes Henrique Calado, no «Paio!». Reinou na assistência um momento de esperança e fez-se um silencio impressionante... Muito bem conduzido, o «Paio!» foi saltando os obstáculos um a um e conseguiu o unico percurso sem faltas, obtendo assim magnifica vitória, premiada com uma grande ovação.

Faltavam ainda correr, entre outros, «Raso» com o capitão Correia Barrento e «Palomera» com o capitão Gavilan, dois cavalos de grande classe. Nenhum deles conseguiu bater o «Paio!».

Os espanhóis conseguiram nesta prova o 2.º, 5.º e 12.º prémios, boas classificações se atendermos às condições de inferioridade em que estão a concorrer, devido aos acidentes sofridos.

O programa do dia abriu com a prova «Sociedade Hípica Portuguesa» reservada aos cavalos que nos últimos três anos não tivessem ganho seicentos escudos. Constituíam-na 12 obstáculos, à altura máxima de 1,20m e registaram-se, logo de início, bons percursos sem faltas, o que deu lugar a animada luta em velocidade. Alberto da Silveira, no «Abanador» seguido de «Castanho», «Ebro» e «Sagres», conduzidos por Guedes de Campos, Fernando Cavaleiro e Correia Barrento.

O derradeiro dia do Concurso decorreu numa atmosfera de entusiasmo e teve como os anteriores, uma grande assistência a encher por completo as tribunas.

Abriu o programa a prova «Juventude», que reuniu mais de 30 concorrentes, número animador e que revela o cuidado que o Colégio Militar e a Mocidade Portuguesa estão dedicando ao hipismo.

Os 10 obstáculos foram transpostos com desembaraço por jovens cavaleiros, hoje discípulos — mas amanhã concursistas. Coube a vitória a Oliveira Chaby, aluno do Colégio Militar, na «Aberta», e o segundo prémio ganhou-o Helder Mendonça, no «Jocosos».

A taça de Honra — «Prova Embaixador de Espanha» — oferecia aos cavaleiros espanhóis a possibilidade de alcançarem o seu unico triunfo neste Concurso. Era a última prova internacional.

Com os 10 saltos, alguns a 1,40m disputava-se em velocidade livre e por «barrages».

Conseguiram percursos sem faltas quatro cavaleiros portugueses e quatro espanhóis, o que animou extraordinariamente a segunda «barragem» com saltos a 1,50m.

Durante esta, pensou-se que os espanhóis alcançariam uma boa vitória arrancando os três únicos prémios desta prova. Mas o alferes Henrique Calado, no «Paio!», conseguiu repetir a proeza da véspera, colocando-se à frente da classificação, depois de um percurso brilhante.

O segundo e o terceiro prémios foram para «Madroño» e «Palomera», montados pelos cavaleiros espanhóis Bulnes e Gavilan.

A última prova, denominada «Despedida», teve cerca de 30 concorrentes e era formada por 12 obstáculos, à altura máxima de 1,20m.

O capitão José Carvalhosa, que este ano não pôde concorrer à «Taça de Honra» porque a «Fossette» está em Espanha, alcançou na «Prova Despedida» merecidissimo êxito. Foram para si os dois primeiros prémios, graças a percursos sem faltas, um no «Abanador» e o outro na nova égua irlandesa «Gaza», que provou ser um animal de categoria. Em 3.º lugar classificou-se o alferes Abrantes Silva, no «Zepelin».

E assim acabaram as provas do 33.º Concurso Hípico de Lisboa.

ANTAS TEIXEIRA

composição / Mentholum 8 grs - Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.



BAUME BENGUÉ
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1.ª classe
pela Faculdade de Paris

O ANALGÉSICO DOS DESPORTISTAS

Eficaz em: enfiões, luxações, contusões, traumatismos e dores musculares em geral. Alívio rápido após a primeira fricção.

À venda em qualquer farmácia.

ESCUDOS 15\$00

«STADIUM»
CUSTA QUINZE TOSTÕES E
VENDE-SE EM TÔDA A PARTE

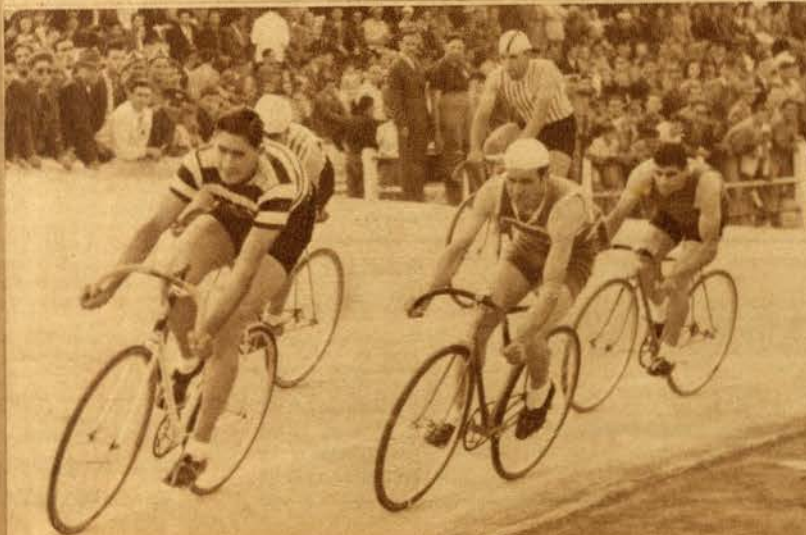
As comemorações
do 38.º aniversário
do **SPORTING CLUBE
DE PORTUGAL**



O aniversário
do **SPORTING**

No festival de domingo: 1—O sr. Director Geral dos Desportos preside à cerimónia da distribuição de prémios. Espírito Santo, o simpático jogador benfiquense, representa o seu clube; 2—Peireto agradece a Rebelo da Silva o prémio oferecido por «Os Rídiculos» para o primeiro marcador no Estádio Nacional; 3—A equipa de honra e os directores do Sporting, com os valiosos troféus conquistados; 4—Salazar Carreira profere a sua alocução; 5—Fase da prova «hora americana» para independentes, em ciclismo

(Fotos Nunes de Almeida)



CONHEÇA A SUA TERRA...



VIAJANDO NUMA
FLECHA
a bicicleta da actualidade

A ILUMINANTE

Avenida Almirante Reis, 9—Largo do Intendente, 11-17.
TELEFONES: 461807 E 51146 LISBOA